

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

DARA JANAINA HALMENSCHLAGER

**AÇÃO DA ESCRITA: Cartografando as produções de escritas, com
participantes do grupo Bem Ditas.**

Santa Maria, RS

2018

Dara Janaina Halmenschlager

**AÇÃO DA ESCRITA: Cartografando as produções de escritas, com
participantes do grupo Bem Ditas.**

Trabalho de Conclusão de curso,
apresentado ao curso de Terapia
Ocupacional, na área de Ciências da
Saúde da Universidade Federal de Santa
Maria (UFSM, RS), como requisito
parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Andréa do Amparo Carotta de Angeli

Santa Maria, RS
2018

Dara Janaina Halmenschlager

**AÇÃO DA ESCRITA: Cartografando as produções de escritas, com
participantes do grupo Bem Ditas.**

Trabalho de Conclusão de curso,
apresentado ao curso de Terapia
Ocupacional, na área de Ciências da
Saúde da Universidade Federal de Santa
Maria (UFSM, RS), como requisito
parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Terapia Ocupacional.

Aprovada em 17 de Dezembro de 2018:

**Andréa do Amparo Carotta de Angeli. Dra. UFSM
(Presidente/Orientadora)**

Monalisa Dias de Siqueira. Dra. UFSM

Marcele Pereira da Rosa Zucolotto. Dra. UNF

Santa Maria, RS

2018.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Santa Maria e ao curso de Terapia Ocupacional, por me possibilitar inúmeras vivências de trocas, de afetos e aprendizados que levarei comigo pelas caminhadas que ainda estão por serem feitas.

Ao grupo Bem Ditas – Clube de leitura, por me acolher e permitir que a pesquisa pudesse acontecer neste espaço; e por proporcionar experiências com os livros e a escrita.

À Monalisa, pela sua simplicidade, por me acolher e apresentar ao Bem Ditas, e acreditar que o espaço seria um lugar potente para pesquisa.

A mulher do caderno costurado e a moça das folhas soltas, por terem aceitado participar da pesquisa; por terem me apresentado os cafés da cidade; por em meio a esses cenários terem confiança na pesquisa para compartilhar suas narrativas, medos, desejos e sonhos; pela relação de afeto que demos início por meio da pesquisa.

A Andrea, por ser esse sopro de vento que nos incentiva e nos mobiliza a todo tempo, até mesmo quando não acreditava mais no meu potencial, enquanto pesquisadora e terapeuta. Por ter aceitado traçar esse caminho, e ter me acolhido nos momentos de angústia e insegurança, e por compartilhar os momentos felizes.

A minha família, minha mãe por ser essa mulher forte e batalhadora, que sempre me incentivou a lutar pelos meus sonhos; aos meus irmãos que sempre me apoiaram, tanto emocionalmente e financeiramente.

As amigas Cissa, Dari, Joi, por estarem sempre comigo nos diversos momentos dessa caminhada, por compartilharmos histórias e afetos. Por termos criado uma relação tão intensa de reciprocidade.

Ao Mayco por me apoiar cotidianamente neste ano; pelo afeto que estamos em constante construção. Ao Édipo, por ter me apoiado mesmo longe, me auxiliado com a escrita.

Ao grupo da orientação pelo apoio, acolhimento, pelas dicas referente à pesquisa que fizeram a escrita ter movimento.

A todos que de alguma forma me acompanharam nesse processo, com seus afetos, dicas, abraços, e apoio.

Muito Obrigada a todos!
Seguiremos nos encontrando por aí.

*Escrever é expressar
em formatos
formas
letras
sílabas
em pontos
e em vírgulas
espaçando
o tempo
expressando
nós mesmos.
(Diário de bordo, 12/01/18)*

RESUMO

Projeto de Pesquisa
Curso de Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Santa Maria

AÇÃO DA ESCRITA: Cartografando as produções de escritas, com participantes do grupo Bem Ditas.

AUTORA: Dara Janaina Halmenschlager

ORIENTADORA: Dr^a. Andréa do Amparo Carrota de Angeli

Este trabalho busca compreender de que modo ocorre o processo de construção da escrita, podendo ser um lugar de existência e resistência, e o poder desta na produção da vida cotidiana; procurando mapear as linhas de força que atravessam esse processo de criação e as reverberações desta escrita no cotidiano dessas escritoras. Para isso, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre o escrever, o entendimento do que seria ação de escrever e as reverberações da escrita na vida cotidiana. Também, se é apresentado, que para compor uma escrita se faz necessário um corpo de escritor, e os diferentes agenciamentos que ocorrem entre esses sujeitos e as suas escritas. Desse modo, essa pesquisa possuiu caráter qualitativo, e foi realizada através do método da cartografia, aliada a construção do Diário de bordo, com apoio da Mandala da Escrita. Diante disso, a pesquisa se fez em dois territórios, no “Bem Ditas – Clube de leitura” e o percurso com *Ellas*. No primeiro, nos agenciamos a diferentes elementos que compõe os encontros para analisar de que modo se arma esse coletivo, que possibilita a emersão da escrita. No segundo, podemos perceber a escrita na relação com o cotidiano dessas mulheres.

Palavras chaves: Escrita, vida cotidiana, cartografia.

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
1. APRESENTAÇÃO.....	7
- <i>O encontro com a escrita</i>	
2. OBJETIVOS.....	10
2.1. OBJETIVO GERAL	
2.2. OBJETIVOS ESPECIFICOS	
3. METODOLOGIA.....	11
3.1 Cartografar e Escrever	
- <i>O processo (des)construção da escrita. A vazão para emergir o outro eu, eu lírico, poético.</i>	
3.2 O Despertar do desejo de Cartografar.....	12
3.3 Mapear com o Grupo.....	14
- <i>Compor com elas, mulheres simpatizante.</i>	
3.5 CONTRATOS.....	17
- <i>Aspectos Éticos.</i>	
4. BEM DITAS.....	18
- <i>Bem Ditas.</i>	
- <i>Os encontros.</i>	
5. O CAMINHAR COM <i>ELLAS</i>	29
- <i>14 de setembro de 2018.</i>	
- <i>17 de outubro de 2018.</i>	
- <i>El las.</i>	
- <i>A dobra, o mar de palavras.</i>	
6. SER PESQUISADORA.....	56
- <i>Ser cartógrafa.</i>	
7. REFERENCIAL BIBLIOGRAFICO.....	58
8. ANEXOS.....	60
8.1. Roteiro 01.....	60
8.2. Roteiro 02.....	60
8.3. Roteiro 03.....	61
8.4. Diário Da Mandala Da Escrita.....	61

1. Apresentação

O Encontro com a escrita

O meu percurso com a escolha do tema do TCC perpassou por muitos caminhos, em alguns momentos tive a certeza do que desejava escrever, conforme passava o tempo, a escrita não fluía, colocando-me a refletir sobre o tema, percebo então, que ele não falava de mim, que eu não possuía referências em minha trajetória que estivessem atreladas ao processo da pesquisa com a música clássica. O despertar do desejo pela escrita não ocorreu, ficando estagnada. O processo de encontrar algo que motivasse o meu desejo pela escrita foi longo e difícil, por não querer escrever algo que não fosse relevante para mim, mas sim, escrever algo que remetesse a minha narrativa e ao mesmo tempo conciliasse com a formação em Terapia Ocupacional. Foi um caminho que teve várias influências, fazendo reviver memórias da minha narrativa.

As primeiras influências para a constituição deste tema se deu a partir de uma vivência no campo de estágio, onde a Terapia ocupacional atuava na cultura e interface com as artes, em específico em um dos locais do estágio, um projeto social da cidade de Santa Maria que presta assistência a crianças e jovens, oferecendo aulas de dança, teatro, educação musical. Nos ensaios da Orquestra, onde estive inserida por quatro meses, identifiquei algumas problemáticas na ação do tocar e na produção desse estilo de música, que acreditava não estar presente no cotidiano dos participantes. Percebia e me questionava o distanciamento desse estilo musical e reflexo em seus corpos. Esse processo corpóreo que ocorre na ação do tocar no primeiro momento me fez querer entender o efeito da música clássica e de que maneira ela reverbera no corpo desse público.

Com o passar do tempo tive dificuldade de escrever sobre, não possuindo desejo em pesquisar sobre a temática. Foi um período em que minha narrativa pessoal refletia diretamente na fluência dessa escrita. A minha vivência no campo de estágio, em contato direto com os alunos, constitui outros processos que não estavam atrelados à experiência corpórea com a música, na qual estes eram difíceis de serem trabalhados, tanto para mim como para o grupo. Nesse conflito com a escrita, me dou conta do processo de amadurecimento que estava passando, onde não dei espaço para serem trabalhados, dificultando o encontro com a escrita.

Neste período que enquadrado como “não produtivo” tive o contato com um coletivo de Rap da cidade, por meio de um evento de redução de danos. As ações que o coletivo produz em alguns espaços, teve uma reverberação em mim muito positiva, e mobilizadora, pois é um estilo musical que sempre apreciei, se faz presente no meu cotidiano desde criança. O estilo musical traz em suas rimas e composições os fatos do cotidiano da população periférica, para alguns compositores à criação da rima vem como produção de vida e resistência. Esse contato me despertou o interesse em conhecer mais sobre a potência da criação e composição da rima, a experiência ficou reverberando por muito tempo, não consegui encontrar um espaço de elaboração, um ponto que ligasse com a primeira temática, continuando estagnada com a escrita.

Passou-se um tempo das outras influências e tive contato com o livro de poemas contemporâneos de Rupi Kaur¹- “Outros jeitos de usar a boca”, na qual a autora escreve em poemas fatos da sua narrativa, estes retratam violência, abuso, amor e o feminismo, sua escrita é de forma realista e reflexiva, sendo algumas vezes leve e outras te envolvem, de forma pouco suave. Ao ler o livro, vou identificando fragmentos da minha vida em alguns dos poemas, que me colocam em reflexão sobre os relacionamentos, e acabo por reviver lembranças com a poesia, identificando que usei a poesia e músicas que me acalentaram em momentos difíceis da minha narrativa, de como o poema se apresenta em um formato de escrita livre, sem ter um formato duro, permitindo uma expressividade maior para o escritor.

No processo do encontro com a minha escrita, percebo que ela sempre esteve ali, escondida, onde até então não havia dado vazão para ela emergir neste formato possível, em alguns momentos da minha vida experimentando a escrita em forma de poemas, e usando-os para presentear os outros, em um gesto de carinho e cuidado, trazendo outro significado para eles, o de cura. O poema dá uma possibilidade de reflexão e visibilidade, para aquilo que não teve espaço de escuta ainda, o vejo como uma escrita intensa, que em poucas palavras carrega inúmeros significados e formas, podendo se apresentar em um formato leve e suave, em outras sendo tão denso, tornando a leitura difícil de digerir.

Nesse início de relação com a linguagem poética, identifico em mim que há várias faces nos poemas e nas poesias, em que horas irão acalentar o que está latente, em outras irá

¹ Rupi Kaur, indiana, 24 anos, poeta contemporânea. Seu primeiro livro, “milk and honey”, foi lançado no Brasil com o título de “Outros jeitos de usar a boca”. Com versos diretos e simples, a poetisa indiana escreve sobre assuntos dolorosos, como a solidão, a violência, a perda e as minúcias de ser mulher.

expulsar o que está imerso nas nossas profundezas. São inúmeras possibilidades de escrita que esse formato proporciona, é um modo de se expressar encantador, pelo modo livre que a escrita surge, os sentimentos emergem em formatos de palavras.

O meu encontro com a poesia e o poema, me despertou o desejo pela escrita, me fazendo ter a necessidade de transformar aquilo que estava internalizado em palavras. O meu desejo no momento é compreender como é o processo de construção da escrita, podendo ser um lugar de existência e resistência, de tentar entender o poder da escrita no cotidiano.

Por meio da cartografia², pretendo encontrar linhas que atravessam as escritoras durante o processo de criação, e as reverberações dessa ação, no cotidiano dessas autoras. Mapear o que esse encontro entre a escrita e o escritor produz nas suas narrativas.

Este trabalho foi construindo em forma de “bloquinhos”, como os pensamentos da pesquisadora, que são flutuantes. O primeiro capítulo irá contar como se deu a experiência na imersão do Clube de Leitura – Bem Ditas. O segundo capítulo irá se debruçar sobre a ação de escrever, e descrever sobre a experiência com os diários de bordo, a escrita de si e a Mandala da escrita.

² [...] A cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação. (BARROS; PASSOS, 2015. p.18)

3. Objetivos

3.1. Objetivos Geral

Pesquisar como é o processo de construção da escrita de mulheres participantes do Bem-Ditas, e de que modo essa reverbera na produção da vida cotidiana.

3.2. Objetivos específicos

- Observar o ato de escrever e o seu processo de criação.
- Mapear de que modo o escrever interfere na produção das ações do dia a dia destas mulheres.
- Perceber se o escrever se constitui como lugar de existência e de resistência.

4. Metodologia

4.1 Cartografar e o escrever

O processo (des)construção da escrita

-A vazão para emergir o outro eu, eu lírico, poético.

Quando percebemos que a escrita não flui, pode surgir apenas aquele sentimento de medo, e angústia, a sensação de um grande vazio, que alimentamos com a nossa frustração, de ver pessoas no meio do caos produzindo, escrevendo. Que escrita será essa, que potência ela causa nesse escritor? Será essa a consequência do mundo capitalista? Mas que vazio é esse?

O meio em que estamos nos exige que sejamos produtivos, que escrevamos incansavelmente. Não conseguir se adequar a esse ritmo, nos causa frustrações, um bloqueio instantâneo, uma paralisação, que nos punimos constantemente por não produzir, sendo um momento em que estamos em um vazio, que nada parece emergir dali, tudo parece estagnado, sem encontrar possibilidades de seguir em frente a partir do vazio.

A constante pressão de produzir, e ter uma escrita com um formato que não permite movimentos e afetações, em sua maioria, acaba por ser um exercício doloroso e trabalhoso, a essa escrita não possui uma fluidez, com muitas amarras e densidade difícil de ser desconstruída. Em outras palavras Zucolotto, afirma que;

“Tratava-se – e ainda hoje se trata – de colocar em questão minha própria prática; pois, afinal, na academia trabalhamos com a escrita: mestrado, docência, doutorado, produção de artigos... Nossas ferramentas de trabalho são por escrito e, entretanto, essa escrita acadêmica por vezes me parece um tanto quanto inexpressiva, sem intensidade, um mero meio para comunicar – relatar, dissertar, representar – enfim, expor um conteúdo, este sim relevante.” (2014, p.11)

A imersão nesse meio, sem conseguir dar conta do ritmo que o mesmo exige, acaba por causar muitas angústias e a sensação de não pertencimento, por não conseguir acompanhar quem segue o fluxo da produção.

Diante disso, a Cartografia surge como uma potência no vazio, cartografar, faz quebras às armaduras que tanto sufocavam, nos faz ir para além do limite proposto, damos vida para o que estava estagnado, se tornando movente, produzindo outra forma.

“Ao traçarmos um caminho pela fita de Möbius³, ficamos “perdidos”: a forma turva nossa percepção e não sabemos mais onde é dentro, onde é fora, onde começa, onde termina.” (SOUSA E. PIRES, J, 2012, p.131). No encontro com a escrita é preciso entrar em contato com a falta de sentido, com um vazio, para que o novo possa emergir. É preciso estar dentro e fora da escrita. Por vezes o processo da escrita pode ser duro, não encontrando caminhos de produção, mas simultaneamente a movimento que desejam a sua emergência.

O vazio que surge como espaço para criar o novo, sendo ele, vindo de perdas, morte do que éramos para surgir outra forma. “As criações, as produções de algo novo, se dão nas recriações de mundos que nascem a partir de cortes feitos pela criação de disparates, de aberturas, de movimentos aberrantes.” (SOARES, 2015, p.02)

4.2. Despertar do desejo do cartografar

O vazio por vezes se mostra como um caminho para um encontro com a escrita, onde aparentemente não se produz nada, pode se mostrar um início para algo, um lugar em que pode se ter uma percepção da vida em outra forma. Os momentos que são considerados improdutivos, os vazios, são repletos de linhas e intensidades, que fazem divagar por vários territórios, um deles, a escrita. “Enfim, resistência enquanto re-existência: novos territórios ativamente recriados para novas potências de geração de vida.” (FERRACINI, R.;et al, 2014, p.224)

Pesquisar o território da escrita se mostra um disparador do desejo movente do trabalho, pede a corporificação do texto, e a cada traçado surgem outras linhas, podendo ser linhas duras e moventes, que irão compor esse caminho ou vários, das potências e produções da escrita na vida cotidiana, será um mapeamento desses encontros. O desejo de cartografar nesta pesquisa se mostra para desvendar o que ocorre no encontro da escrita com o autor, o

³ Um conceito vem da área da matemática, a partir de August Ferdinand Möbius, na qual deve o seu nome de fita de Möbius ou faixa de Möbius, é um espaço topológico obtido pela colagem das duas extremidades de uma fita, após efetuar meia volta em uma delas.

devir escrita-autor. As afetações que esse encontro produz na vida cotidiana do autor e, a forma que a escrita vai tendo, conforme os encontros.

“As velocidades comparadas de escoamento, conforme estas linhas acarretam fenômenos de retardamento relativo, de viscosidade ou, ao contrário, de precipitação e de ruptura. Tudo isto, as linhas e as velocidades mensuráveis, constitui um agenciamento” (DELEUZE, G. GUATTARI, F, 1995, p.10)

Para compreender como se dá esse encontro e os seus movimentos, foi necessária a imersão no grupo Bem Ditas – Clube da leitura⁴, onde apresentei aos participantes qual o objetivo da pesquisa. Na tentativa de conquistar pessoas para compor a mesma, podiam elas ter idades e narrativas diferentes e ter ou não experiência com a escrita, possuindo idade mínima de 18 anos. Agenciando, portanto, esta escrita-pesquisa com as participantes deste grupo.

Nesta imersão, se fez necessário participar do encontro enquanto participante, não havendo uma distinção entre leitora e pesquisadora, os dois papéis aconteceram ao mesmo tempo, um foi compondo o outro, na medida em que os encontros foram acontecendo. Pela pesquisa acontecer neste grupo, a mesma acompanhou e respeitou o fluxo dos encontros, que se organizam em dois momentos: primeiro a discussão do livro e segundo, a oficina da escrita criativa, na qual experimentamos escrever, inspiradas pela discussão do texto.

Depois de participar de dois encontros, se concretizando o terceiro, duas mulheres, muito distintas, uma com o jeito doce, com encantamento pela vida, e a outra com uma vitalidade e energia contagiante, simpatizaram⁵ com a pesquisa, desejando compor a mesma. Conforme as encontrava em diferentes espaços, explicava o que elas teriam que fazer durante o processo, a saber, compor um diário de bordo, com apoio de um diagrama no formato de uma Mandala da escrita (anexo), que partiu da ideia da Mandala lunar ou da lua⁶, usando-a

⁴ Um grupo de majoritariamente mulheres que se encontram mensalmente, em uma cafeteria da cidade de Santa Maria/RS, para ler literatura de autoria feminina e promover um espaço para conversar sobre as obras de diversas escritoras.

⁵ O termo simpatizante veio a partir do modo que as duas participantes se afetaram pela pesquisa. Sem necessitar um investimento por parte da pesquisadora na busca por pessoas para a pesquisa acontecer.

⁶ Usada por mulheres para acompanhar seu ciclo menstrual, a Mandala Lunar ou da Lua é um diário/agenda para anotações dos ciclos femininos em sintonia aos ciclos da Lua e da natureza. O livro traz ferramentas para o registro diário das sensações físicas, emocionais e energéticas que circulam as mulheres, tornando as atentas e conscientes dos seus movimentos internos. No Sagrado Feminino traz uma perspectiva da ligação da mulher com a lua, em que cada mulher possui um ciclo lunar interno, no caso seria o ciclo menstrual, que seguiria os movimentos da Lua para definir as fases que a mulher se encontra em seu ciclo menstrual, assim se cria a Mandala Lunar ou da Lua, para registrar como será o ciclo menstrual da mulher conforme os movimentos da Lua.

como uma maneira de sintetizar o processo. Esta foi usada no decorrer do mês, para anotar no diagrama, a relação da escrita com as afetações dos seus cotidianos, tendo como apoio a legenda ao lado, que consta símbolos que auxiliaram nesse preenchimento.

Entre os nossos vários encontros, sendo virtualmente e pessoalmente⁷, optamos por nos encontrar, fora do grupo Bem Ditas, para dar início a esta composição. O lugar marcado foi outra cafeteria da cidade, ao lado de muitos livros, certa coincidência, que foi compondo o cenário da conversa. Entre cafés, vamos apresentando-nos e nos conhecendo, tramando um início dessa caminhada. Compartilho novamente os dispositivos que serão usados, e quais as ações de cada uma delas nesta composição. Para elas fazerem parte da pesquisa, foi necessária a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A natureza deste trabalho é qualitativa, e se debruça em encontrar juntamente com o Grupo Bem-ditas e as mulheres simpatizantes um mapa das linhas duras e moventes, do encontro entre a escrita e a escritora, e expressar o que ocorre a partir desse contato, das potências e produções da escrita na vida cotidiana.

O meu trajeto com o Bem Ditas ocorreu pela participação em seis (06) encontros. Com as mulheres, optou-se também por encontros em outros horários e lugares. Foram eles quatro (04) encontros, o primeiro sendo a apresentação da pesquisa, segundo e o terceiro a conversa referente às escritas e da Mandala da escrita, e o último com a devolutiva.

Durante esse processo de encontrar pessoas para compor a pesquisa, o despertar do desejo se deu inicialmente em pesquisar a ação da escrita poética no cotidiano dessas escritoras, conforme o passar do tempo, o que se mostrou mais latente foi a ação de escrever em si, podendo ou não surgir a escrita poética.

4.4 Mapear, com o grupo.

O compor com elas, mulheres simpatizantes.

⁷ Os encontros entre as participantes e a pesquisadora, se dava exclusivamente no Bem Ditas, uma vez no mês. Com o desejo dessas mulheres de comporem a pesquisa, fizemos outros meios de aproximação, algumas vezes o contato se dava virtualmente, com intuito de marcar um encontro pessoalmente fora do grupo, para haver a imersão delas na pesquisa.

Os primeiros passos se deram no levantamento e reconhecimento dos sujeitos que se interessavam e se enquadraram nos requisitos da pesquisa. Em seguida, foi realizado um encontro à parte do grupo Bem-ditas com o intuito de apresentar a pesquisa para os sujeitos que demonstram interesse.

Após o consentimento das participantes para participarem da pesquisa, por meio da assinatura do TCLE, foi proposta a “escrita de si”. Escrevendo sobre a sua narrativa, cada mulher com base em um roteiro (em anexo) desenvolveu um texto, e no final assinaram com um pseudônimo⁸.

A composição da narrativa dessas mulheres se deu a partir do que elas quiseram contar, sobre as suas trajetórias de vida, e de que maneira o desejo da escrita surge, e como ocorre cotidianamente essa ação de escrever. O mapear das linhas se deu em cinco (05) encontros que ocorreram mensalmente, tendo em vista, que o processo exigiu mais tempo, para compor o corpo da análise.

Nos encontros foram feitos registros pessoais das participantes e da pesquisadora, em forma de diário de bordo. Tendo em vista que servirá como um dispositivo de suporte de análise para a pesquisadora e para as participantes, sendo usado como dispositivo para reflexão acerca das reverberações da escrita no cotidiano, o que permitirá o compartilhamento dos processos de cada uma com a escrita.

O diário de bordo que foi de uso da pesquisadora serviu como dispositivo para escrever sobre as percepções e afetações do território da pesquisa, e também, para observar o que foi possível evidenciar nos encontros, “O registro do trabalho de investigação ganha, dessa forma, função de dispositivo, não propriamente para concluir o trabalho ou apresentar seus resultados finais, mas como disparador de desdobramentos da pesquisa” (BARROS; PASSOS 2015, p.173)⁹. As participantes construíram um diário que teve como base o mesmo intuito, escrever sobre as observações no decorrer do mês, em relação ao processo com a sua própria escrita. Também houve um roteiro para os sujeitos seguirem para facilitar essa composição do diário, aliado a Mandala da Escrita que vem como um segundo dispositivo, que sintetiza de uma maneira mais dinâmica os acontecimentos que as mulheres obtiveram com a sua própria escrita no decorrer do mês.

⁸ Pseudônimo - é nome adotado por autor ou responsável por uma obra (literária ou de qualquer outra natureza), que não usa o seu nome civil para assiná-las.

⁹ BARROS, R. D. B.; PASSOS, E. A Cartografia como método de pesquisa-invenção. In: Eduardo Passoa; Virginia Kastruo; Liliana da Escóssia.(Org.). Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. 207 p.

A Mandala da escrita (em anexo) é um diagrama que possui cinco (05) círculos, ao lado a Mandala possui um fragmento da mesma que determinará o que será necessário para preenchê-la. No círculo maior, o primeiro, a participante deveria completar de que modo encontra o seu emocional no dia em questão, quais os sentimentos que estão aparecendo. No segundo círculo, seguindo a ordem do maior para o menor, deveria ser completado do percurso com a escrita durante o dia, se houve desejo ou não de escrever, se escreveu algo de fato, se compartilhou a sua própria escrita com alguém, se leu algo que despertou a vontade de escrever, as observações com relação ao participante e a sua escrita no decorrer dos dias. O terceiro círculo é utilizado para colocar a data, para manter o controle do mês. E no último, círculo menor, ficar em aberto para ser preenchido como desejam. Para facilitar o preenchimento da Mandala, foram utilizados símbolos, pequenos desenhos com legenda pré-estabelecida. .

Os quatros (04) encontros, com as mulheres, fora do grupo da Bem Ditas ocorreu da seguinte maneira:

- *Primeiro encontro*: se constituiu no processo de aproximação dessas mulheres para conhecer a sua narrativa e a experiência com a escrita, através da apresentação do primeiro exercício a “escrita de si”, e também a apresentação do Diário e da Mandala da escrita, para serem entregues no mês seguinte.
- *Segundo encontro*: Foi feito o compartilhamento da “escrita de si”, e do Diário e da Mandala da escrita, onde foi possível trazerem para o encontro as percepções e afetações durante esse período.
- *Terceiro encontro*: Foi possível o compartilhamento da experiência com o Diário e da Mandala durante o mês, sendo realizada uma comparação entre os dois dispositivos, na procura dos desvios.
- *Quarto encontro*: No término dos encontros, foi dada uma devolutiva da análise do processo as participantes.

A participação do Bem Ditas se deu em (06) seis encontros, espaço iniciou o processo de aproximação com estas mulheres, participantes da pesquisa. E um lugar possível para emergir a pesquisadora-escritora.

Nesse conjunto de encontros pretendeu-se compor as linhas de análise da pesquisa, para compreender e problematizar de que maneira acontece a ação da escrita, o ato de

escrever e, como se dão as reverberações da escrita na construção da vida cotidiana para cada uma.

4.5 Contratos

Aspectos Éticos

Esta pesquisa está de acordo com o disposto na resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466/2012 e inicialmente por meio de uma conversa com o grupo, foi possível apresentar a pesquisa, com o intuito de ver a disponibilidades das participantes para comporem a pesquisa, conforme os critérios de inclusão e exclusão. Neste sentido, os sujeitos que aceitaram participar assinaram o TCLE. Os procedimentos da pesquisa e seus enquadres não apresentaram riscos de provocar situações emocionais que exigissem acompanhamentos específicos, em casos excepcionais, que pudessem vir a acontecer, as pesquisadoras se comprometeram a acompanhar e encaminhar os sujeitos a atendimentos psicológicos, que se mostrassem acessíveis ou gratuitos aos participantes, dentro dos disponíveis na cidade de Santa Maria. Os benefícios esperados com a pesquisa foram a produção de conhecimento, possibilitando que os sujeitos pudessem ter momento de reflexão a respeito das influencias do cotidiano e as percepções de si na composição da escrita, e as reverberações delas na vida, sendo um espaço de autoconhecimento e empoderamento de si. Todas as participantes foram informadas adequadamente dos riscos e benefícios no TCLE.

No caso da participante ter aceitado participar, mas que no decorrer dos encontros muda-se de opinião ou não sentia-se confortável, teria total direito de se retirar-se da pesquisa não sofrendo qualquer julgamento a esse respeito ou prejuízo. Todas as informações coletadas e construídas foram sigilosas e somente foram utilizadas pela pesquisadora para o desenvolvimento da análise da pesquisa, sendo esses arquivados sob a responsabilidade do pesquisador principal, no Departamento de Terapia Ocupacional, prédio 26 C, sala 4017, gabinete 1, por um período de cinco anos, sendo que, após esse período, os materiais serão destruídos e incinerados.

5. Bem-ditas,

“Quantos livros de literatura escritos por mulheres você já leu?” Foi com essa pergunta que o grupo, o Bem Ditas – Clube de Leitura iniciou-se com Monalisa e Debora, tendo como intuito ler literatura de autoria feminina e promover um espaço em que as pessoas da cidade pudessem se encontrar e conversar sobre as obras de diversas escritoras.

A primeira forma que o Clube de leitura assumiu foi virtual, por meio da rede social, com a criação de um grupo no Facebook¹⁰, em junho de 2017, com o nome Bem Ditas – Clube de leitura. O grupo virtual, desde então, permite compartilhar os livros do mês, matérias que estão relacionadas às obras, postagem de expressão e de escritas pessoais dos participantes. O grupo foi crescendo, aos poucos, chegando atualmente a mais de 400 pessoas, que na sua maioria residem na cidade de Santa Maria.

No mês seguinte, em julho de 2017, o grupo se encontrou pessoalmente em um café da cidade, o Salu’s Casa Café. O lugar do encontro não é menos importante nesta narrativa, parece-nos que compõe com o que o grupo propõe. Um pequeno espaço, uma sala aconchegante, com uma composição única, de objetos e cardápio. Os objetos de diferentes épocas propiciam isso, das cores vivas e vibrantes das paredes, as obras de artistas locais e reconhecidos mundialmente, vão compondo o cenário ao lado de xícaras de porcelana com desenho delicado, quadros com molduras trabalhadas, aparelho de som antigo, livros, poltronas, sofá, cadeiras de diferentes modelos, as de balanço com o estofado de flores, os tapetes estampados, que vão dando outra cor e textura ao chão, almofadas de diferentes tamanhos e cores. E, ainda, o modo como a comida e o cardápio são produzidos tornam o local ainda mais aconchegante, os aromas que circundam o espaço, por horas é possível sentir o cheiro de café, de canela, conforme o cardápio do dia. O local produz uma experimentação sensorial por completo, tanto visual, tátil, auditiva, olfativa, gustativa. Um lugar com tantos elementos que vão compondo-o, parece permitir um deslocamento por diversos tempos dentro de um único espaço. Essa é uma percepção que construí a partir da afetação que tive no primeiro contato com o local. Nesta descrição do local, proponho que possamos nos agenciar,

¹⁰ A rede social, criada em 04 de fevereiro de 2004, desde o início tem o objetivo de configurar um espaço no qual as pessoas possam encontrar umas às outras, dividindo opiniões, fotografias e vídeos. É a rede social mais usada no mundo.

a partir das afetações. O local por ser construído por diversos elementos possibilita a composição de novos agenciamentos. É um dos poucos estabelecimentos da cidade que permite diferentes formas de existir, permitindo assim, que o grupo como o Bem Ditas, que é composto por pessoas tão singulares, possa permanecer neste espaço.

O primeiro encontro do grupo foi marcado pela leitura do livro “Outros jeitos de usar a boca”, da escritora indiana Rupi Kaur¹¹. Aqui, algumas conexões entre a pesquisadora e o grupo já começavam a se tecer, já que alguns meses após este encontro, por meados de dezembro do mesmo ano, eu tive a oportunidade de ler este livro, que me despertou o desejo¹² em fazer esta pesquisa. O livro marca o início do Bem Ditas enquanto clube de leitura passando a ter todo mês um encontro presencial, sempre no terceiro sábado do mês, no Salu’s café. Podem comparecer pessoas novas a cada vez, sem necessidade de inscrição prévia, o que define a presença no dia é o desejo de ler e compartilhar a leitura do livro daquele mês. A cada mês se lê uma obra diferente. A escolha dos livros e a criação de uma lista para o ano todo, leva em consideração as sugestões dos participantes do grupo, e também listas de outros clubes de leitura que circulam pela internet.

No momento do encontro, que antecede a discussão, espera-se chegar um número considerável de pessoas para dar início, depois, mais um tempo até que elas se acomodem no ambiente formando um círculo, pelas cadeiras, poltronas, bancos e almofadas. As criadoras do grupo propõem a apresentação dos participantes aos demais presentes no encontro, contando há quantos meses participam, e um pouco da sua vida pessoal, em seguida, dão início a conversa sobre o livro. Para imersão no plano, compartilho um fragmento do diário de bordo,

“Começamos a discutir o livro “o que deu para fazer em matéria de amor”, quem conseguiu ler, vai contando um pouco sobre cada fragmento que gostou, sobre as partes mais interessantes, sobre a escrita do texto, falam dele todo, de toda a exploração que fizeram com o livro” (16/06/18).

Cada participante vai contando sobre os agenciamentos que conseguiu fazer com o livro durante a leitura. Com isso as pessoas do grupo, vão se agenciando entre os agenciamentos deixando aberta essa conexão possível.

¹¹ Livro da “outros jeitos de usar a boca” foi escolhido para ser lido no primeiro encontro, por ser um dos livros mais vendidos e lidos no mundo como todo.

¹² O processo de despertar do desejo está pontuado na apresentação da pesquisa, onde conta sobre a relação do livro e o desejo de pesquisar.

Há quase um ano após o grupo ser iniciado, ele vai assumindo uma nova forma. Cria-se um espaço para explorar o escrever, se constrói assim a oficina da escrita criativa, que surge como proposta de uma das participantes em um dos encontros. Esta integrante é incentivada por outros participantes do grupo a construir este espaço.

A cada encontro após a discussão do livro, os participantes que desejam escrever permanecem no espaço do café e acompanham a proposta da oficina. Na oficina, o número de participantes sempre diminui comparado ao início do encontro, será pelo receio de experimentar o “devir-escritora”? Ou pela falta de tempo? Deixo essas dúvidas ecoarem, quem sabe conseguiremos refletir mais a frente. Neste momento, debruço-me a compartilhar como se dá a oficina da escrita criativa. Os participantes vão fechando ainda mais no círculo, vão encontrando uma forma mais confortável para sentar, alguns mudam de lugar, da cadeira para o chão, ou do chão para poltrona e assim por diante, no momento que todos se acomodam é dado o início da oficina. A coordenadora da oficina, Olívia, inicia-a compartilhando canetas, e papéis para escrever, explicando a proposta do dia, que construiu levando em consideração o livro do mês. Segue um fragmento do diário de bordo, do mês de junho, para compreender melhor essa dimensão;

“A Olivia, contou do processo da implementação da oficina no grupo, e apresentou a primeira proposta, escrever da mesma maneira que a Elvira inicia o livro, de forma mais fragmentada o pensamento, sem muita fluidez, em primeira pessoa, como se fosse vários pensamentos em um papel, tendo 5 min para escrever. Todas escrevem e começamos a compartilhar, poucas pessoas não leem. Sinto-me bem confortável em escrever e ler, claro com um friozinho na barriga, mas não me causou tanto desconforto. O segundo exercício era para falar sobre amor, podia ser por mãe, animal de estimação, por si, podendo continuar a história do primeiro exercício, com mais tempo para escrever, sendo 15min. Eu fiz outra cena, mas falando da minha mãe, que já havia escrito anteriormente. Acabamos de escrever e lemos dessa vez, mais pessoas leram. Era cada história linda, com detalhes e recortes de cenas!” (16/06/18).

Esse espaço cria um ambiente favorável para o compartilhamento das escritas produzidas, proporcionando que os participantes opinem nas escritas dos outros, na tentativa de identificar os fragmentos frágeis, para potencializa-las. Segundo Deleuze e Parnet “O escritor inventa agenciamentos a partir de agenciamentos que o inventaram, ele faz passar uma multiplicidade para outra” (1998, p. 43).

O Clube de Leitura se propõe a ler obras escritas por mulheres, que possibilita experimentar por meio da leitura, agenciar-se com o que permeia em seus cotidianos, permite também experienciar o “devir-escritora” na oficina da escrita criativa. O devir da escrita se

apresenta em uma experiência, em que o escritor vivencia a ação do escrever, sendo por vezes o estado da escrita e a escrita sendo a do escritor, sem perder sua forma inicial, conseguindo distinguir em escrita e escritor. De acordo com Deleuze:

“Devir não é atingir uma forma, mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou indiferenciação tal que já não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula: não imprecisos nem gerais, mas imprevistos, não-preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto se singularizam numa população.” (1997, p.176)

Nesse devir, o fluxo da escrita que traça o caminho e a intensidade do encontro entre o escritor e a sua escrita, quando esse contato é sem travas, ele simplesmente acontece, flui como a água em uma correnteza, que escorre sobre as pedras, deixando um pouco de si ali, e levando consigo um pouco da experiência, seguindo seu caminho. Quando se tem amarras, se necessita desfazer os nós para que ela emergja, se desfazendo de alguns conceitos, ou conhecendo outros que te levem para outro caminho que não estava traçado desde o princípio.

No grupo as pessoas que permanecem todos os meses e outras que vão e vem conforme seus interesses. A cada mês as participantes vão compondo seus caminhos com as leituras e suas escritas, em específico os que participam da oficina. Refiro-me aqui, aos que permanecem por mais encontros. Pois há participantes flutuantes, que participam de alguns encontros, dos que lhes interessam, sem manter uma assiduidade durante os meses. Esses participantes proporcionam que o grupo explore outros territórios ainda não experimentados. Quando o grupo se fecha com um número de pessoas, tem a pré-disposição de se manter em um mesmo, ir se afinando e encontrando um padrão nas vivências, não estou generalizando os grupos em geral, e muito menos condenando os grupos que desejam um mesmo fluxo, mas trago essa reflexão para pensarmos nas pessoas que compõem o Bem-Ditas, que a partir dessas pessoas flutuantes, se é possível experienciar outros territórios, possibilitando que a cada encontro tenha novos elementos neste plano.

Os encontros com o Bem Ditas

Esse bloco irá contar sobre a experiência de imersão da pesquisa no grupo Bem Ditas. A composição da escrita deste pedaço relata a experiência no grupo, a escrita irá também se agenciando aos livros que foram conversados durante cada mês, para dar mais corpo. Nessa tentativa, Barros e Kastrup, compreende que “O cartógrafo, imerso no plano das

intensidades, lançado ao aprendizado dos afetos, se abre ao movimento de um território” (2009, p.74).

A exploração neste território se deu em 06 encontros por mês, de junho a novembro de 2018, o grupo tem hora prevista de começar às 15h aos sábados, com término definido pelo envolvimento dos participantes. O Bem Ditas se divide em dois momentos, primeiro a discussão do livro que foi escolhido para ser lido durante o mês, e no segundo momento a oficina da escrita, em que se experimenta a ação de escrever usando como base o livro do encontro, como descrito acima.

Cada encontro acontece de uma forma, é uma percepção que obtive durante a vivência no grupo, mas me questiono a respeito desses movimentos. Seria devido às pessoas que frequentam o grupo? Ou pelo livro do mês? Pelo clima? Pelo local?

“O plano de consistência é uma coisa estranha? Seria preciso dizer a um só tempo: você já o tem, você não sente um desejo sem que ele já esteja aí, sem que ele se trace ao mesmo tempo que seu desejo – mas. também: você não o tem e você não deseja se não consegue construí-lo, se você não sabe fazê-lo, encontrando seus lugares, seus agenciamentos, suas partículas e seus fluxos.” (DELEUZE; PERNET, 1998, p.73.)

Uma semelhança que foi identificada no decorrer dos encontros foi o clima, todo sábado que estava marcado o encontro, o sol surgia, alguns momentos muito quentes, em outros o vento se fazia presente com mais intensidade. Essa informação pode não ter relevância alguma do ponto de vista de certa ciência, mas aqui, ela ajuda a dizer de um percurso singular com este grupo.

Sobre o local, como já havia descrito no bloco acima, trago mais elementos que podem compor essa imersão em uma realidade. Escóssia e Tedesco¹³ trazem “que para construir o plano de experiência cartográfica, se faz necessário falar sobre o coletivo de forças, sendo o plano das formas e plano das forças que produzem a realidade” (2009, p.94). As autoras também ressaltam sobre a escrita dos elementos, quando se está relatando o que compõem essa vivência, sendo assim;

“Também se inclui aí objetos que acreditamos constituir a realidade: coisas e estados de coisas, com contornos definidos que lhes emprestam caráter constante e cujos limites parecem claramente distingui-los uns dos outros.” (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2009, p.94).

¹³ “Pista 5 – O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica”, do livro “Pistas do método cartográfico”.

O local Salu's Casa Café, um lugar pequeno, propicia experiência de aconchego de casa. No bloco anterior falei sobre a estrutura física, aqui escreverei sobre algumas outras percepções, como a de aromas, o atendimento e o modo de estar que o local proporciona. O cardápio é construído com cuidado, pensando em comidas que poderão agradar a todos os clientes, sem excluir pessoas vegetarianas e veganas. Na composição das comidas é levado em consideração a origem e o manejo desses alimentos. O modo como são preparadas as comidas e as bebidas, é de uma delicadeza, usando de vários alimentos para compor a experiência gustativa e olfativa, proporcionando ao cliente uma explosão de sabores. Os aromas que essa cozinha produz compõem ainda mais o local. Compartilho aqui uma escrita do diário de bordo do primeiro encontro e a experiência com o local,

“O cheiro que aquele lugar tinha... de canela... de biscoito de canela! Lembro-me da minha mãe, da casa dela, das xícaras que ganhou no seu enxoval de casamento, há muito tempo atrás. Do jeito anfitriã dela, de receber as pessoas em sua casa com muito carinho. Esse lugar era exatamente assim, com mulheres afetuosas, que conversam, sorriem, choram e, se abraçam.” (DIÁRIO DE BORDO, 16/06/18)

O modo como o local é construído abre espaço para as várias formas de ser, tudo pode caber, uma composição a cada vez. O movimento de tentar descrever o local faz com que queira compartilhar sobre a potência que o local tem em criar um espaço que permita que o Bem Ditas ocorra em múltiplos formatos, agenciando espaço, pessoas e um livro em cada encontro de modo singular. Um coletivo a cada vez, a transindividual que se compõe com os planos de força e de plano de formas, os dois planos se opõem, mas constroem uma relação de reciprocidade entre si, produzindo a realidade.

“Dimensão pré-individual ou transindividual, como um plano de intensidades e singularidades impessoais que permanecem acopladas as formas individuadas como uma franja de virtualidade, permitindo sempre novas individuações. Novas formas surgem a partir de novos estados críticos gerados na comunicação entre as duas dimensões.” (BARROS; KASTRUP, 2009, p.98).

O lugar permite que a cada vez emergja outros estados de ser. Disponibilizar cardápios diferentes conforme os encontros do Bem Ditas, se agencia as pessoas que circulam o grupo intencionadas pelo desejo do livro. O livro com seus agenciamentos possíveis parece-nos que compõe um acontecimento, Bem Ditas, que contribui para a produção da diferença a cada encontro.

Trago outro fragmento do meu diário de campo, que conta sobre essa delicadeza de composição, por exemplo, no atendimento por parte do Salu's;

“O Salu’s Casa Café havia preparado um chá alcoólico para bebermos durante a conversa sobre o livro. Como o pessoal falava - bem sugestivo, para acompanhar a conversa sobre esse livro. Uma combinação ótima, elevar os ares, e nos sentirmos confortável para falar sobre sexo”. (DIÁRIO DE BORDO, 21/07/18).

Neste encontro em questão estávamos conversando sobre o livro “Delta Vênus”, da Anäis Nin, tendo como tema, contos eróticos. O estabelecimento possui uma sensibilidade em acolher e proporcionar alguns elementos que possam potencializar o encontro, como um simples chá alcoólico que iria permitir uma melhor desenvoltura do grupo para falar de temas tabus na sociedade como o sexo.

Outro elemento, os livros e a relação com as diversas formas que os encontros assumem no decorrer dos sábados. Cada obra irá tratar de um tema diferente, em seus livros as autoras apresentam suas distintas formas de escrever. Fazendo assim, o grupo se agencia a diferentes elementos que o texto proporciona, conseguindo experimentar outros territórios. Trago aqui um fragmento do diário de bordo,

“O livro, que livro ein! contos sobre amores, frustrações amorosas, relações abusivas entre tantos outros enredos. Cenas de amores, relacionamentos que perpassam várias idades, mas há algo em comum, o amor entre mulheres. Quando li o livro fiquei encantada pelo conto “vó, você é lésbica?” fiquei realmente encantada com a imagem que criei de duas mulheres idosas se amando e dividindo uma parte da vida, penso que deva ser pelo fato de estar trabalhando com esse público, que consegui me cativar e refletir sobre as relações na velhice.” (18/08/18).

A imagem mental criada após ler o livro e estar no grupo é a do agenciamento, neste dia em questão foram compartilhadas inúmeras relações amorosas entre mulheres, e das dificuldades que essa forma de amar enfrenta. Também foram feitas trocas de como a Natalia Borges Polesso¹⁴ foi sensível em escrever sobre o amor. A escritora apresenta histórias de pessoas que sempre tiveram relações heteronormativas e puderam experimentar uma relação homossexual. Abrindo devires, experimentar-se outro com o que lhe acontece. O livro possibilita olhar para as relações amorosas de modo incomum. Afirmar as diferentes formas de amar.

Vamos explorar um pouco do território que antecede a leitura, a construção do livro, dando continuidade aos movimentos que os livros produzem no grupo, dos agenciamentos que vão sendo possíveis até o momento do encontro.

¹⁴ Natalia Borges Polesso é escritora e doutora em Teoria da Literatura na PUCRS. Ganhou o Prêmio Jabuti de 2016 com o livro de contos *Amora*, onde traz histórias protagonizadas por mulheres lésbicas em diversas fases e situações de vida. O livro vai para além de relações homossexuais entre mulheres, a sensibilidade aguçada da autora o expande falando do amor em seu sentido amplo, irrestrito.

“O autor, como sujeito de enunciação, é antes de tudo, um espírito: ora ele se identifica com seus personagens, ou faz que nós nos identifiquemos com eles, ou com a ideia da qual são portadores; ora, ao contrário, introduz uma distância que lhe permite e nos permite observar, criticar, prolongar.” (DELEUZE; PARNET, 1998, p.98).

Neste sentido, o autor sendo um sujeito de enunciação, ele é produto de um agenciamento e também o produz. Os autores Deleuze e Parnet entendem que “O enunciado é o produto de um agenciamento, sempre coletivo, que põe em jogo, em nós e fora de nós, populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos, acontecimentos.”(1998, p.98,).

Estamos explorando um dos elementos que compõe o território, os livros, e de que maneira essas escritoras, compõem os planos de forças no grupo, seguindo “O escritor inventa agenciamentos a partir de agenciamentos que o inventaram, ele faz passar uma multiplicidade para outra”. (DELEUZE; PARNET, 1998, p.43). Assim, essa multiplicidade outra pode ser o que acontece entre as leitoras e os livros. As obras por si só são apenas objetos, não há produção do acontecimento sem a leitura.

O que seria esse acontecimento produzido nos encontros? Segundo Deleuze e Parnet;

“É que a ciência torna-se cada vez mais ciência dos acontecimentos, em vez de estrutural. Ela traça linhas e percursos, salta mais do que constrói axiomáticas. O desaparecimento dos esquemas de arborescência em prol de movimentos rizomáticos é um sinal disso. Os cientistas ocupam-se, cada vez mais, com acontecimentos singulares, de natureza incorporal, que se efetuam em corpos, em estados de corpos, agenciamentos totalmente heterogêneos entre eles (daí o apelo a interdisciplinaridade). É muito diferente de uma estrutura com elementos quaisquer, é um acontecimento com corpos heterogêneos, um acontecimento como tal que cruza estruturas diversas e conjuntos específicos.”(1998, p.55)

Os diversos acontecimentos vão compondo os encontros. Os elementos heterogêneos, como o clima, local, livros e os leitores do grupo, vão compondo esses encontros. Nesse sentido Ferracini; Lima; Carvalho; Liberman; Carvalho (2014) trazem uma percepção sobre a produção do território,

“Assim, os territórios se fazem por procedimentos expressivos; eles são constituídos ao mesmo tempo em que são produzidas ou selecionadas as qualidades expressivas que o compõem, formas que emergem do caos criando configurações, composições, sentidos.”(2014, p.221)

Convido-os a explorar outro elemento as pessoas, as diversas singularidades que constituem o grupo. Os participantes são majoritariamente mulheres, mas há também a presença de homens. São pessoas com idades variadas e ocupações distintas. Circulam no grupo pessoas que mantém contato direto com o meio acadêmico, professores e alunos. Há

também participantes que já frequentaram esses espaços, mas que atualmente se mantêm distantes e os que nunca ingressaram na universidade. Reúnem-se movidos pela leitura.

Para adentrar neste plano compartilho um fragmento do diário, no qual me debruço a descrever as pessoas em um dos encontros¹⁵;

“Pessoas distintas participando do grupo, uma moça com seu jeito meigo e uma faixa vermelha em sua cabeça, senta-se na poltrona perto da porta. Outra com seu estilo vintage, colorido, um ser cheio de energia. Uma mulher com aproximadamente 50 anos, com um cabelo na altura do ombro e óculos redondo, que compartilha um livro que vai de encontro com o do dia. O moço ao seu lado, não o conheço, mas é moreno, barbudo e faz psicologia. Outra mulher com a sua presença alegre e contagiante e, a sua paleta de cores distribuídas pelas suas roupas. Outro homem, ser animado e que adora falar. Ouço outras vozes, porém não consigo identificar seus rostos” (22/09/18)

Um grupo diferente. Um grupo bem diverso a cada encontro. Como isso se faz? Neste sentido, trago reflexões de Pelbart de que “Cada indivíduo poderia ser definido por um grau de potência singular e, por conseguinte, por um certo poder de afetar e de ser afetado.”(2008, p.1).

Nesse processo de afetamentos, o autor apresenta que

“Vamos aprendendo a selecionar o que convém com o nosso corpo, o que não convém, o que com ele se compõe, o que tende a decompô-lo, o que aumenta sua força de existir, o que a diminui, o que aumenta sua potência de agir, o que a diminui, e, por conseguinte, o que resulta em alegria, ou tristeza. Vamos aprendendo a selecionar nossos encontros, e a compor, é uma grande arte.” (PELBART, 2008 p.1).

No grupo, esse processo ocorre de maneira que o indivíduo se afete e agencie com os outros elementos que constituem os encontros, produzindo realidades diversas, com diferentes perspectivas. “Então somos um grau de potência, definido por nosso poder de afetar e de ser afetado, e não sabemos o quanto podemos afetar e ser afetados, é sempre uma questão de experimentação.”(PELBART, 2008, p.1).

¹⁵ Neste encontro não me fiz presente fisicamente. No entanto a participação se deu via conexão pelo facebook, onde pude acompanhar a primeira parte do encontro, enquanto a conexão permaneceu. No dia, por estar quilômetros distantes da cidade, me debrucei a descrever sobre as pessoas e o clima. O livro do encontro foi “As Boas Mulheres da China” da Xinran. Uma obra que conta sobre uma jornalista chinesa que entre 1989 a 1997, “entrevistou mulheres chinesas de diferentes idades e condições sociais em seu programa de rádio “Palavras na Brisa Noturna””. Com cuidado e coragem, conseguiu espaço para questões que poucos ousavam discutir no país. A participação entusiasmada das mulheres rendeu-lhe cartas e depoimentos que relatavam questões de vida íntima, violência familiar, opressão e homossexualismo.”(Fragmento da sinopse do livro”).

As singularidades no plano experimental são corpos sem órgãos¹⁶, com matéria composta por diferentes elementos que se colocam a disposição do plano, possibilitando que se afetem e se agenciem com.

O grupo proporciona que cada sujeito experimente-se outro a partir do que for potente para si. A experiência do comum agenciada pelo desejo de ler e discutir sobre obras escritas por mulheres, faz com que o Bem Ditas seja único todo o mês. O desejo para que isso ocorra, perpassa todos os participantes, para além das idealizadoras do grupo, sendo uma rede de vontades do acontecer. Segundo Mariana Mendes,

“A rede trata-se de uma tentativa que busca um comum constituído de uma camada primordial, humana e partilhada. Sua intenção é criar lugares propícios para que essa camada possa ser acessada, lembrada, desvelada a partir, principalmente, do aparecimento de gestos infinitivos, de agires fora da lógica da intencionalidade.” (2017, p.91)

Procura-se agenciar a experiência da vivência no grupo com o conceito de comum viver junto, a coexistência num conjunto de acontecimentos e encontros, a constituição de experiências ainda que efêmeras, descontínuas e mutantes são indícios de uma comunidade por fazer-se (MENDES, 2017, p.66). A ideia de comunidade, da experiência do comum, não foi algo que foi pré determinado, o desejo esteve e ainda está presente, para que a experiência pudesse ocorrer. A cada encontro se arma um coletivo de forças, podendo se habitar outros territórios, criando ambientes para os acontecimentos, não se engessa em uma forma totalitária.

A criação das Bem Ditas permite, parece-nos, um devir-mulher, emergindo a partir das escritas de mulheres, se agenciando no encontro com outros universos femininos presentes no grupo, compondo um comum, mas o devir não será o mesmo. Proporcionando a cada encontro experienciar os outros “eus”.

“Sempre que se junta, o grupo, não é a possibilidade de bastar-se, como um *eu* adaptado às circunstâncias sociais que define a presença neste conjunto, quem é capaz de ser um *eu*, exerce esta capacidade, e pode experimentar afrouxá-la,

¹⁶ “é o improdutivo, no entanto é produzido em seu lugar próprio, a seu tempo, na sua síntese conectiva. Como um instrumento desconhecido cuja utilidade é inapreensível, que para nada presta, que se defende, que se recusa ao serviço e á comunicação. O corpo sem órgãos não é o testemunho de um nada original, nem o resto de uma totalidade perdida, não é também uma projeção: nada tem a ver com o corpo próprio ou com uma imagem do corpo. É o corpo sem imagem” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 14).

enquanto os que não têm esta capacidade, não a empregam, e podem apoiar-se num terreno firme.” (INFORSATO, 2017, p.122)

A singularidade sendo um traço de impessoal, possibilita esses devires e os agenciamentos, dão ainda mais potência a esse grupo e as movimentações e reverberações nos nossos cotidianos. Segundo Mendes “Um comum que funciona no jogo das singularidades que não necessariamente se conjugam (relações que não passam por filiação, e entre as quais não há contrato), e que coexiste sem reciprocção.” (2017, p.98).

Diversos elementos compõem esse território, nos planos de força e de formas, construindo uma realidade possível, a partir da percepção da pesquisadora. São várias camadas que vão se compondo e se agenciando durante os encontros.

O Caminhar com *Ellas*

*A escrita precisa de um corpo,
quem escreve já possui um corpo,
Esse, sendo de mulher,
É uma ação revolucionária!
Escrever de nós para nós,
É empoderador !
Essa luta é diária
Contra o sistema
Contra o patriarcado
Contra o machismo
Contra aqueles que nos invisibilizam
Contra nós próprias,
Contra as inseguranças que foram nos instauradas.
Ação da escrita com um corpo de mulher*

Nesta segunda parte do trabalho irei contar todo o trajeto que fiz juntamente com as mulheres simpatizantes, que aceitaram participar da pesquisa. No capítulo anterior contei sobre a imersão no grupo Bem Ditas, foi por meio deste grupo, que *Ellas*¹⁷ emergiram.

Nos meses de julho e agosto no grupo, abri um espaço para contar sobre a pesquisa, e fazer um convite às pessoas que sentissem vontade de participar. Neste sentido, exponho um fragmento do diário de bordo do mês de junho,

“Após a conversa sobre o livro a Mona abriu espaço para eu contar sobre minha pesquisa e convidar o pessoal para participar. Conforme ia compartilhando às pessoas ficavam curiosas, e me enchiam de perguntas, isso me deixa um pouco apreensiva, mas eu aí respondendo. Levei a Mandala da escrita junto, para as pessoas olharem também, isso instigou ainda mais a participação, duas mulheres demonstraram interesse, uma terapeuta feminina, tendo toda uma construção com o sagrado feminino, e a outra escritora”. (21/07/18)

Neste encontro, conversei com uma dessas mulheres a “escritora”, a “terapeuta feminina” no dia teve que sair mais cedo e não pudemos conversar sobre a pesquisa. A escritora me pergunta “como faço para participar?”, digo “é só aceitar”. Vou contando sobre a pesquisa e qual seria a contribuição dela, caso participasse da pesquisa. A mesma, decidida me afirma que gostaria de participar. Trocamos contatos e digo que iria retornar para conversarmos sobre. No final deste encontro, a Monalisa sugeriu que eu entrasse em contato com uma das participantes que não estava no dia, guardo o seu nome.

Dois dias que se antecederam ao encontro de agosto. E envio o convite para as três mulheres, as duas que demonstraram interesse e a sugestão vinda da Monalisa. Convite destinado para cada uma,

“Olá, tudo bem? Gostaria de fazer um convite para você, para participar da minha pesquisa de conclusão de curso “Ação da escrita: um mapeamento cartográfico da construção e as reverberações da escrita na vida cotidiana”¹⁸. O objetivo deste trabalho é pesquisar como é o processo de construção da escrita, podendo ser um lugar de existência e resistência, e o poder desta escrita na produção da vida cotidiana, a metodologia que estou usando para construir do trabalho é a cartografia, que vem como um traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio

¹⁷ A escolha do *Ellas* para referenciar as mulheres participantes da pesquisa vem do significado que a palavra tem ao ser separada *El* e *las* na língua espanhola, significam “o” artigo definido. “Elas” são pronome pessoal na língua portuguesa e a escolha de adicionar mais um “l” foi para conseguir criar os dois artigos. Já a escolha de deixar o “*El*” em negrito foi de fazer uma separação do pronome pessoal que define um plural feminino, fazendo a palavra possuir um comum no coletivo.

¹⁸ Esse foi o nome usado no projeto, na sua primeira versão.

percurso da investigação. A opção por esse método, vem de entender que não irei fazer apenas uma coleta de dados, mas sim estarei produzindo e construindo dados, a partir de um recorte, no caso a ação da escrita no cotidiano, juntamente com os participantes. Para fazer a análise usarei de diários de bordos, eu pesquisadora terei um, e os participantes outros, que será composto por outros dispositivos, bem como uma escrita de si, e da Mandala da escrita. Seria essencial a sua participação na construção deste trabalho, fica aqui o convite. Qualquer dúvida estarei disposição.

Desde já agradeço
Beijos.”¹⁹ (16/08/18)

Aos poucos cada uma foi me retornando. Todas demonstram interesse. Continuamos a trocar mensagens virtuais, na tentativa de marcar um encontro com as três para conversarmos sobre a pesquisa. Como o convite foi enviado, dois dias antes do encontro de agosto combinei de conversarmos sobre a pesquisa no Bem Ditas. A “terapeuta” não poderia ir neste encontro. Ficamos na troca de mensagem para encontrar um dia que poderíamos nos encontrar e conversar.

No encontro de agosto, após a discussão do livro, apresento a pesquisa novamente, caso mais alguém desejasse participar da pesquisa. Em seguida eu, a “escritora” e a “indicada” conversamos sobre a pesquisa. No dia levei os termos de consentimento para elas levarem para casa e lerem com calma. As duas no dia já aceitaram participar.

Após esse encontro continuo a conversar virtualmente com as três, na tentativa de encontrar com elas em um momento, a parte do grupo, com mais tempo. Entre conversas conseguimos decidir um dia, em que a pesquisadora e a “escritora” e a “indicada” tivessem disponibilidade para o possível encontro. A “terapeuta” começa a sair de cena, ela não consegue encontrar um dia disponível em sua agenda para essa conversa com a pesquisadora, independente das outras duas mulheres.

A parte da pesquisa que se debruça sobre a ação de escrever e suas reverberações na vida cotidiana se faz com a participação de duas mulheres, a “escritora” que chamarei de “mulher do caderno costurado” e a “indicada”, a “moça das folhas soltas”.

Os encontros.

14 de setembro de 2018,

Neste bloco contarei como foi o percurso juntamente com a *mulher do caderno costurado* e a *moça das folhas soltas* agenciando com os diários de bordo, a escrita de si e a

¹⁹ Fragmento retirado de conversas virtuais, entre a pesquisadora e as futuras participantes.

Mandala da escrita. Os encontros com *Ellas* se deram fora do grupo Bem Ditas, ao total foram quatro, todos aconteceram em cafeterias da cidade.

No dia 14 de setembro, no final da tarde de uma sexta-feira chuvosa, a cidade agitada, aconteceu, enfim, o primeiro encontro entre a pesquisadora e *Ellas*, o local escolhido foi o ‘Cesma’ Café.

Como no capítulo anterior, irei descrever as percepções destes ambientes, para a imersão neste coletivo de forças do território. A Cesma²⁰ proporciona vários espaços em um mesmo prédio, uma livraria/papelaria, um espaço para exposição de obras e o cineclube “Lanterninha do Aurélio” e o Cesma café. Sua estrutura fica no segundo andar, em um espaço ao lado da papelaria, tendo uma vista para o térreo. Um café pequeno, simples, arejado e com pouca informação, as mesas e cadeiras despojadas pelo ambiente com mesmo formato. O cardápio possui várias opções de café, e algumas de comida. Um local que compõe a história da cidade e que fomenta a cultura da mesma.

No primeiro encontro, chego primeiro que as duas. Escolho uma mesa bem ao meio do café com quatro cadeiras, fico a espera enquanto faço o meu pedido. *A moça das folhas soltas* chega primeiro,

“moça das folhas soltas, chega ao café, nos abraçamos e já começamos a conversar sobre o trabalho, mostro os papéis para ela. Ela fica encantada com a Mandala, e vou explicando a ideia do dispositivo a ela. Mostro-a os roteiros, para ir compreendendo como seguir com eles. Vamos conversando, nos agenciando a outros temas, e divagando em outras conversas. A moça das folhas soltas me apresenta um modo que ela vê a saúde, que é uma dança, um modo tão sensível e lindo, que jamais havia visto.” (DIÁRIO DE BORDO, 14/09/18)

A moça das folhas soltas, é uma profissional da saúde, no dia fomos conversando sobre como é esse “fazer” nesses territórios, e de que modo é possível compor, com as diversas profissões da saúde. Ela é uma moça sensível, que possui um olhar gracioso para com os outros. Ficamos ali, nos agenciando a diversos temas enquanto esperávamos.

A mulher do caderno costurado chega,

“se apresenta cansada, conta que acabou de voltar de viagem, e pede desculpa pelo atraso. Fico feliz em ver ela, eu estava certa que ela não poderia mais vir, que teria

²⁰ Cooperativa de estudantes de Santa Maria (CESMA), fundada em 1978, por um grupo de estudantes. Atualmente com 40 anos, tem a notoriedade de um Centro Cultural, realizando ações de fomento à arte em Santa Maria. A Cesma promove e apoia vários projetos culturais, o Cineclube Lanterninha Aurélio, que nasceu junto com a Cooperativa, o Santa Maria Vídeo e Cinema, Cesma in Blues, Feira do Livro de Santa Maria, entre outros.

me mandado mensagem e eu não pude ver. Compartilho com a mulher do caderno costurado o trabalho, ela vai me perguntando sobre o trabalho, e vou lhe respondendo.”(DIÁRIO DE BORDO,14/09/18)

A conversa segue entre nós, cada uma conta um pouco de si para outra. Pois até então não nós conhecíamos. Elas colocam suas expectativas com os dispositivos tanto o diário de bordo como a Mandala da escrita. *A mulher do caderno costurado* é escritora, se debruça maior parte do seu dia em seus manuscritos, seus desejos com os dispositivos se relacionam ao de poder retornar uma ação que fazia enquanto estava no mestrado, de diariamente escrever em um diário. *A moça das folhas soltas* também escrevia em diários, mas há um bom tempo não se dedicava a essa ação e de poder retornar a escrever que era um exercício que fazia enquanto estava na graduação.

Seguimos ali, “divagando em pensamentos, e em compartilhamentos das nossas narrativas, contamos a nossa relação com a escrita uma para a outra.” (DIÁRIO DE BORDO, 14/09/18). O encontro se dá para além da apresentação dos dispositivos e a suas participações na pesquisa, aparecendo a necessidade de se ambientar uma com a outra.

Esse primeiro se encerra com *moça das folhas soltas* saindo mais cedo, e a *mulher do caderno costurado* ficando a conversar por mais alguns instantes, até o momento do café fechar. Saímos dali, indo para o mesmo lado conversando sobre os movimentos que fizemos para criar um corpo para poder escrever, quando não se possui inspiração.

O que se faz necessário à descrição do encontro? Uma parte do trabalho não está sobre o controle da pesquisadora, essa construção se dá no momento em que as duas escrevem nos diários e nas Mandalas, imersas em seus cotidianos. Há uma independência delas nesse processo, como pesquisadora, me coloco no movimento de acompanhar de que modo se dá. As autoras Barros e Kastrup²¹ colocam que “Como cartógrafos, nos aproximamos do campo como estrangeiros visitantes de um território que não habitamos. O território vai sendo explorado por olhares, escutas, pela sensibilidade aos odores, gostos e ritmos.”(2014, p.61).

17 de outubro de 2018,

“Que dia quente! bem abafado! com as nuvens cobrindo o sol em alguns momentos, sinalizando que a chuva está por vir.” (DIÁRIO, 17/10/18). Ao fim de tarde de uma quarta-feira, com esse clima acalentador aconteceu o segundo encontro da pesquisadora com *Ellas*,

²¹ “Pista 3 – Cartografar é acompanhar processos”, do livro “Pistas do método cartográfico”.

esse dia foi o de compartilhamento das escritas. Novamente chego primeiro que as duas. Escolho uma mesa com quatro cadeiras perto da porta da varanda do café, por onde o vento estava a entrar. Na espera pelas duas, faço o pedido,

Escolho dois pães de queijo, ainda estou em dúvida no que tomar, um suco cairia bem, olho para o lado, a mulher do caderno costurado chega, abraço-a e começamos a conversar, digo que estou fazendo pedido. A mesma, já se direciona ao balcão para fazer o seu pedido. Digo que desejo dois pães de queijo e um suco de uva. (DIÁRIO DE BORDO, 17/10/18)

Sentamos, na mesa que havia escolhido, o vento adentra o local com suspiros intensos, movendo os objetos do lugar, fazendo assim, que nos mobilizássemos a segurar tudo que está sobre a mesa,

Sentamos perto de uma porta, onde o vento entrava com certa força e intensidade, que ao mesmo tempo nos refrescava, fazia-nos ficar alerta, para que tudo não saísse voando, toalha de mesa, guardanapo, papéis... (DIÁRIO DE BORDO, 17/10/18)

Optamos por permanecer no mesmo lugar, mesmo com a presença do vento. *A mulher do caderno costurado*, “tira de sua bolsa uma pasta e um caderno pequeno amarelo, daqueles costurados a mão, com um carimbo no canto.” (DIÁRIO DE BORDO, 17/10/18). Coloca sobre a mesa o caderno e a Mandala da escrita, vou olhando o material, e a questiono “como foi para você essa experiência?”

“Ela vai me contando enquanto folheia aquele caderno pequeno amarelo, sobre a angústia que teve, conforme escrevia no diário, de perceber que queria escrever sobre algo prazeroso e não podia, pois estava se dedicando a outros trabalhos, e também de em alguns momentos se dar conta que não estava escrevendo. Retira da pasta uma folha, a Mandala da escrita, quase toda completa, mostra-me os outros símbolos que havia criado para compor, cerca de cinco símbolos novos.”(DIÁRIO DE BORDO, 17/10/18)

A mulher do caderno costurado, conta que esse período escreveu muito, sendo escritas que irão direcionar um caminho para o próximo ano. Trago um fragmento do seu diário “*Evitei escrever, fico muito ansiosa, tive MEDO, medo do que essa escrita significa para os caminhos do MEU FUTURO*” (06/09/18), escrito após algum tempo em que se dedicou só a leituras.

Em sua curiosidade em relação à pesquisa ela me pergunta “como irei analisar”? “Digo que ainda não sei direito, explico que análise não irá começar agora, que ela ocorre desde do início, mas que ainda não sabia no COMO iria acontecer.” (DIÁRIO DE BORDO, 17/10/18). Segundo Barros & Barros, “O que se coloca como tarefa da análise, portanto, é permitir constantemente que a própria pesquisa seja interrogada. Acessar a objetividade da

experiência, em seu plano co-emergente, permite reformular as perguntas e tornar os observados efetivamente coparticipantes da pesquisa.” (2013, p.384). Neste sentido, não me detive em analisar os materiais que *Ellas* produziram, mas questionar os processos, as linhas que compõe o plano. E de colocar as duas na posição de agentes construtoras da pesquisa, e não objeto de estudo.

Neste dia, elas teriam que entregar para a pesquisadora o Diário, a Mandala e a escrita de si. Questiono a *mulher do caderno costurado*, sobre a escrita de si, “Pergunto se ela conseguiu escrever sobre a escrita de si, responde que entendeu que poderia entregar até o final da pesquisa, digo que deva ter tido um erro de comunicação e que não teria problema ela poderá escrever, e me entregar no mês que vêm, sem pressão.” (DIÁRIO DE BORDO,17/10/18).

A Moça das folhas soltas chega,

“Olho para porta e vejo a moça das folhas soltas, com seus cabelos longos e esvoaçante, se direcionando a mesa que estávamos. A mesma senta-se e nos pede desculpa por ter se atrasado, digo que não tem problema, ela conta que estava com muita dor de cabeça, e que sabia que isso era devido a vários angústias e problemas que terá que resolver, porém não está conseguindo e isso se transforma em sintoma no corpo.” (DIÁRIO DE BORDO, 17/10/18)

Ela chega com a mesma intensidade do vento, entrando, sentando-se e ao mesmo tempo retira suas escritas da mochila,

“A moça das folhas soltas se mostrando afobada, tira da mochila uma caixa a tampa branca, com vários corações desenhados e o fundo da cor magenta, abre e nos mostra às suas escritas, várias folhas soltas, algumas foram escritas a mãos outras foram digitadas, ela conta que iniciou escrevendo a mão, e isso irritou muito ela, que a mão não acompanhava o raciocínio dela e decide escrever no computador, que ali começou a fluir.”(DIÁRIO DE BORDO,17/10/18)

A moça das folhas soltas compartilha conosco que “que sempre escrevia sem ser sincera, com medo que alguém visse e a julgasse pelo que está escrito, e na composição deste, relata que se abriu, foi muito sincera, contando o que estava acontecendo no seu dia a dia.” (DIÁRIO DE BORDO, 17/10/18). *A mulher do caderno costurado* relata que conseguiu ser muito sincera na escrita do diário, que não tinha receio em escrever o que estava sentindo e vivendo. Na composição do diário, é mais fácil ser sincero com o outro do que com nós mesmos? É mais tranquilo escrever para alguém ler sobre os nossos processos do que para nós mesmos? Como se relacionar, como pensar com este *leitor* que aparece em suas falas? Fico a observar as duas conversando sobre o processo que foi escrever durante o mês,

“Quando me dou conta, estou a olhar elas, super falantes, e sorridentes, compartilhando os seus processos, de como era escrever, que escreviam se abrindo se para mim, e que sabiam que não seriam julgadas. Contando sobre o momento em que estão, e de inúmeras mudanças.” (DIÁRIO DE BORDO,17/10/18)

Elas conversam sobre como o diário está auxiliando neste momento da vida delas, em que estão acontecendo mudanças significativas. De poder refletir sobre seus cotidianos enquanto escrevem.

Nesta parte do trabalho podemos observar que *Elas* construíram a pesquisa com a pesquisadora, uma relação de horizontalidade e de reciprocidade, onde além de escritas compartilhamos fragmentos de nossas narrativas. Como se instaurássemos um território de escrita e de testemunho da vida que passa nela.

A *moça das folhas soltas* “fala que deveria ser legal estar na minha posição de ler as escritas que as outras pessoas escreveram” (DIÁRIO DE BORDO,17/10/18). Direciono-me a elas, digo que estou curiosa em ler. Como não será prazeroso ler escritas pessoais e com sentimentos dessas que você está conhecendo? Ou será um movimento em específico da pesquisadora? Que é que move esta curiosidade?

A *moça das folhas soltas*, conta sobre a dificuldade em fazer o exercício da escrita de si,

“A moça das folhas soltas relata que achou muito difícil de escrever de si. Olho para mulher do caderno costurado e sorrio.(...) Sinalizo que a mulher do caderno costurado também não havia conseguido escrever, e que elas poderiam me entregar no mês que vêm.”(DIÁRIO DE BORDO,17/10/18)

Coincidência as duas não conseguirem escrever sobre si. O que torna tão difícil essa escrita? Será que as perguntas são muito invasivas? Vamos ficar com essas reflexões a até o momento da escrita de si surgir ou não.

Ficamos sentadas ali conversando,

“E o vento entra a todo instante, nos bagunçando, tendo que segurar tudo ao redor. Em meios aos nossos lanches ficamos nos agenciando em diferentes conversa, vamos contando uma para a outra quem somos, quem são nossas famílias, e como está nossa vida agora.”(DIÁRIO DE BORDO, 17/10/18)

Sem percebermos, começa a anoitecer, e a responsável pelo café nos sinaliza que está fechando. *Elas* estavam iniciando a leitura de suas escritas, com o café fechando decidimos

procurar outro lugar para continuar este momento. Saímos dali caminhando e pensando aonde ir. A *mulher do caderno costurado* sugere a cafeteria no térreo do shopping Santa Maria, em que poderíamos sentar e pedir uma água. Enquanto andávamos e conversamos sobre os espaços que a rua nos apresentava,

“Como a sede do partido PSL, em tem uma enorme foto do candidato Bolsonaro. A mulher do caderno costurado logo explana a repulsa que sente por ele, e nos questiona sobre ele, se nos votaria nele, digo que não, jamais! Que seria contraditória, a moça das folhas soltas olhando as vitrines diz que não votaria nele.”(DIÁRIO DE BORDO, 17/10/18)

Chegamos à cafeteria, sentamo-nos, a *mulher do caderno costurado* logo pede uma água. A *moça das folhas soltas*, tira da sua mochila a caixa as folhas, e escolhe para ler a folha do dia 02 de outubro;

(...)No consultório: ele com a bengala, ela de cadeira de rodas. – Eu cuido dela, sabe? Ela não lembra de nada, mas eu cuido dela, então de mim ela lembra. E a gente vai indo..

E deu uns tapinhas na coxa da esposa, os dois vovôs, ele tranquilo, na história patológica prévia, 2 AVC's. No coração, só amor.

No consultório: ela com 80 anos:

- Sou vegetariana, sabia Dra.

– Que legal! Há quanto tempo?

– Perdi a conta ?

Pela carinha aparentava 60 anos.

- Eu também sou, sabia?

- Nossa então você vai ser a minha Dra. Vegetariana!

Ps: Deitei, apaguei as luzes e abri bem a janela, como se fosse a coisa mais fácil do mundo, a andorinha saiu voando pela janela. O que ela quis dizer com isso?”
(DIÁRIO PESSOAL, 02/10/18).

A *mulher do caderno costurado* lê o que escreveu no mesmo dia,

“Depois de um tempão vivendo, lendo e analisando outras coisas voltei a produzir em texto. Apenas esbocei. É um texto para o francês, Tenho conseguido fazer apenas textos “para” alguma coisa - e isso tem me decepcionado um pouco. Embora seja ótimo, pois em alguns momentos até o texto com certa finalidade eram grandes desafios que muitas vezes eram aterrorizantes, hoje tenho mais facilidade. Apesar do assunto se meio incomodo, pois já escrevi sobre ecologia muitas vezes em redações nas aulas, hoje tento esboçar algo como quem começa a desenhar por um rabisco. Foi assim. Rabisquei, risquei. Sempre sai alguma coisa, mesmo que seja uma merda. A gente nem sempre sabe sobre tudo, embora tenha condições cognitivas de escrever sobre qualquer coisa. Facebook tá aí pra provar isto. Foi o caso de hoje: efeito estufa. O que sei além do senso comum? Nada. Mas nem quis pesquisar tanto mais, quem sabe faça amanhã.

Editei mais três texto em francês, então acho (considero) que foi um dia produtivo. No entanto, é importante ressaltar bem, estou produzindo, mas exatamente o que queria. Queria terminar meu conto, queria produzir meu artigo. Ainda não consegui. Vamos ver próximos dias se ao menos o artigo vai. “Infelizmente a vida

prática tem engolido a beleza e o descompromisso compromissado da arte.”
(DIÁRIO PESSOAL, 02/10/18)

Procuro na minha agenda se havia escrito algo também, só tinha anotações dos pacientes que estou acompanhando neste semestre. Ficamos ali mais alguns minutos, lendo suas escritas, até a hora de sermos mandadas embora novamente. A *mulher do caderno costurado* sugeriu de ficarmos do lado de fora da cafeteria e depois irmos, mas a *moça das folhas soltas* precisa ir. Seguimos caminhando até o calçadão, nos despedimos com muitos abraços e sorrisos, elas me agradecem por eu ter decidido pesquisar e proporcionar esse encontro. “Cada uma seguiu caminho diferente, logo nos mulheres bem distintas que vamos nos cruzando nesse encontros!”(DIÁRIO DO BORDO,17/10/18)

Os planos de intensidades e os de vínculos vão se tecendo, produzindo um território que permita que os afetamentos aconteçam. Possibilita tanto para *Ellas*, quanto para a pesquisadora, abrir-se para a experiência.

28 de novembro de 2018.

Choveu à tarde, continua quente, mas agora está abafado e o tempo permanece fechado, com esse clima se dá o terceiro encontro com *Ellas*, ao final da tarde de terça-feira. Direciono-me a Cisma café, ao entrar escolho uma mesa com quatro cadeiras, como sempre. Faço o pedido e fico a esperar por *Ellas*. Em um determinado momento “enquanto folheio os diários, me questiono se havia combinado o lugar, olho às mensagens no celular e percebo que não, ai santo deus e agora?” (DIÁRIO DE BORDO, 28/11/18). Pedi o wi-fi do café, ao conectar vejo que recebi mensagens delas, me perguntando do lugar. A *mulher do caderno costurado* sugere outro local que fica aberto até às 9 horas da noite, onde poderíamos nos estender mais. Combino com as duas de nos encontrarmos na Quitanda com mais, outro café da cidade. Pago a conta, e sigo em direção ao local.

Chego à Quitanda com mais, “escolho a primeira mesa, onde tem um sofá, que aparenta ser confortável. Em segundos a *mulher do caderno costurado* entra, mudamos para mesa grande e amarela, com bancos, aquelas de piquenique, sabe?” (DIÁRIO, 28/11/18). O local lembra uma quitanda, uma pequena venda de produtos artesanais, preparado com carinho e cuidado, possui alguns elementos na decoração que remetem a essa ideia, como

cestos com frutas e verduras, mesa grande clássica de piquenique. Também é um ambiente cheio de cor, é uma composição de estampas com texturas, que estão nas paredes, nas cadeiras, no balcão e no chão, que faz lembrar o verão.

Sentamos uma de frente para a outra. Logo começamos a conversar sobre o diário,

“Ela retida da bolsa dois cadernos, um caderno pequeno costurado na cor cinza e outro com espiral lateral, com uma estampa de natureza na frente, escrito ¼ nele. E também a Mandala. A mesma, diz que esse mês escreveu muito, que foi sobre a vida, os acontecimentos da vida cotidiana, que foi algo mais íntimo, se abriu mais.”(DIÁRIO 28/11/18)

Conforme folheava as folhas dos cadernos, é perceptível esse processo, “tanto de escrita que tem nos cadernos, linhas e linhas com muitas palavras”(DIÁRIO DE BORDO 28/11/18). Em seu diário faz um comentário sobre o seu diário,

“(…)Não é a mesma maneira figurada de quando escrevo um texto. Aqui é de uma cruzeira, é uma verborragia que nem eu me aguento! Na literatura, ao contrário, sou muito mais silenciosa, muito mais do que deveria(…)”(DIÁRIO PESSOAL, 03/11/18)

Coloco sobre a mesa a Mandala do mês anterior, e vamos vendo como elas foram compostas. As duas bem completas, cheias de símbolos, os símbolos vão nomeando alguns sentimentos que ela passou durante o mês, conforme vai passando pelas linhas, cada símbolo traz um pouco dos acontecimentos do mês em forma de símbolos, como se estivesse contando a sinopse da sua narrativa por códigos. A Mandala é um plano mais superficial e o diário apresenta a intensidade e uma dimensão para os acontecimentos, são dois planos que se compõem. Eles não se sobrepõem, mas a Mandala sozinha não teria a mesma potência que o diário. O diário poderia sozinho ser o instrumento que seria capaz de dar conta desse território da pesquisa, mas em conjunto com a Mandala é possível compor outro território.

A mulher do caderno costurado conta que esse mês esteve mais triste, que era visível pela Mandala, que aproximadamente ficou uns 8 dias triste após a eleição. “Que dia triste! Hoje o Bolsonaro foi eleito. Tento revisitar algo parecido na história do país e não acho precedente. Sei que na época da ditadura militar deve ter sido bem pior, mas a essa altura do campeonato? Que tristeza e que medo! (...)” (Diário pessoal, 28/10/18).

Entre conversas de diferentes assuntos, vamos falando sobre a pesquisa, como ela está sendo construída, conto sobre os capítulos, “de o primeiro ser sobre o ‘Bem Ditas’ e o

segundo sobre *Ellas*. A mesma, diz que está curiosa para ler o trabalho”. Enquanto conversamos,

“a *mulher do caderno costurado* saboreia seu sanduiche vegetariano, com uma cara bem leve, tem pepino. Amo pepino no sanduiche, fico olhando-a comer, ela estabanada comendo, se suja toda, derruba alguns pedaços no chão, come com ferocidade, com desejo. Mentalmente fico a sorrir, pois sou assim também, lembro de como eu comi tão rápido aquele pastel e o tomei o cappuccino na Cesma, chega a ser vergonhoso, parece que fiquei uma semana sem me alimentar.”(DIÁRIO DE BORDO, 28/11/18)

Passa das 18:30, quase 19h, olho para o celular uma mensagem da “*moça das folhas soltas*”, “estou chegando”. Mais alguns minutos, e ela entra na Quitanda, nos cumprimenta e senta ao meu lado.

“pede desculpa por ter chegado atrasada. Digo que esta tudo bem, ela começa a contar sobre como foi o dia e o porquê desse atraso, estava em uma cidade vizinha assinando o contrato, será médica da saúde da família, algo que sempre sonho desde a faculdade. Estava radiante, e atordoada com tanta mudança, digo que conheço um amigo na essa cidade e que ela ira adorar ele, que irei apresentá-los”(DIÁRIO DE BORDO, 28/11/18)

Ficamos falando sobre esse assunto por um tempo, compartilhando alguns desejos para o próximo ano. Depois voltamos a falar da pesquisa, contei para *moça das folhas soltas* como ela iria acontecer e tudo que já havia contado para a *mulher do caderno costurado*. Parece contente pelo trabalho, mas triste por não poder comparecer a apresentação, “digo que iremos filmar. A *mulher do caderno costurado* diz que irá arrumar um tri pé se for necessário para que seja possível gravar.”(DIÁRIO DE BORDO, 28/11/18)

A *moça das folhas soltas* conta sobre como foi para ela escrever esse mês “(...) não me sinto escrevendo pra alguém, pra Dara, sinto que converso comigo, e posso confiar bastante pra isso, com todo esse tempo de agora, esse caos político social misturado com nossas individualidades que parecem tão pequenas. Mas o meu mundo tá mudando, e nesse mundo tão doido eu sigo tentando e sobrevivendo (...)”(Diário pessoal, 21/10/18). De ser um mês que conversou com ela, que o diário foi uma ferramenta para poder compartilhar as mudanças que estão acontecendo em pouco tempo. De ser um momento que refletiu sobre as pessoas que estão na sua vida.

Pelo modo que elas vão contando há uma entrega maior nesse mês. Que será que este dispositivo vem acionando na relação vida-escrita-vida? “Vamos pulando de assunto em assunto, voltamos para alguns e encerramos outros. Temos uma necessidade de falar, “somos

três passarinhos em dia de chuva cantando, e alto, não paramos, e nem percebemos o que acontece em nossa volta.”(DIÁRIO DE BORDO 28/11/18)

A *moça das folhas soltas* faz seu pedido, “uma crepioca com rúcula, tomate seco, e nos oferece, eu agradeço, a *mulher do caderno costurado* também.” (DIÁRIO DE BORDO 28/11/18). A *moça das folhas soltas* diferente de mim e da *mulher do caderno costurado* come com calma, vai dando garfadas, vai mastigando vagarosamente, dá uma pausa para falar.

“Ela é calma, e tranquila, fica eufórica e agitada, quando conta algo que foi muito intenso e feliz para ela, já a *mulher do caderno costurado* é uma explosão de energia, fala, quase não respira. Gosto de observar a diferença das duas, como elas são lindas, cada uma sendo do seu jeito, com suas intensidades, nesse devir agitada-tranquila. Vamos sendo várias mulheres ali, durante os encontros, os vários “eus” se agenciando.” (DIÁRIO DE BORDO, 28/11/18)

A *moça das folhas soltas* compartilha sua Mandala, diferente da *mulher do caderno costurado*, não está assim tão cheia de símbolos. Será que ela viu sentido no dispositivo? Será que ele era necessário? O que fez a *mulher do caderno costurado* se empenhar tanto? O que move a *moça das folhas soltas* a preencher só quando sentia necessidade? Passamos algum tempo conversando sobre a vida, sobre as mudanças e rumos que elas estão tomando. Sobre o Bem Ditas, de como os encontros acontecem, “defendo a minha teoria, de que a cada encontro ele acontece de modo diferente, devido aos diferentes elementos que o compõe.” (DIÁRIO DE BORDO 28/11/18). A *moça das folhas* chamou um “garupa”²², teve que resolver alguns assuntos, para que a mudança fosse efetivada, não queria que nada fique pendente. Despedimo-nos e decidimos nos encontrar novamente.

Eu e a *mulher do caderno costurado* ficamos conversando sobre o encontro passado do Bem Ditas e de como observar grupos, e vou contando como eu faço, enquanto terapeuta ocupacional, de que modo conduzo e o que observo os grupos. “Digo que irei passar algumas referências para estudar e olhar o grupo. Vou contando algumas percepções sobre. Mas nada tão profundo, pois não estou nessa posição e como faço isso durante a semana, neste dia não me coloco neste lugar” (DIÁRIO DE BORDO 28/11/18)

²² Aplicativo do celular que assemelha ao Uber. Onde se é possível contatar um motorista via internet, indicando aonde é o local de partida e o seu destino desejado. Podendo acompanhar o trajeto conforme o carro está circulando pela cidade.

Saímos dali e *a mulher do caderno costurado* me acompanha até a parada ficamos conversando sobre o futuro. Ônibus chega, nos despedimos, entro no ônibus e começo a ler os diários.

“O que conta em um caminho, o que conta em uma linha é sempre o meio e não o início nem o fim. Sempre se está no meio do caminho, no meio de alguma coisa.” (Deleuze Parnet, 1998, p.24). Contar em palavras os encontros com *Ellas* é um pedaço do que seria o processo. Que se dá em diversos planos, para além dos que a pesquisadora pode ter contato ou identificar. Escóssia e Tedesco salientam sobre a pesquisa cartográfica acompanhar o processo,

“Nesse sentido, uma pesquisa cartográfica, ao intensificar a comunicação, possibilitar relações entre relações, atrações e contágios ativa o plano coletivo de forças – o coletivo transindividual. Ao cartógrafo cabe se deixar levar, em certa medida, por esse plano coletivo, não por falta de rigor metodológico, mas porque uma atitude atencional própria do cartógrafo, que o permite acompanhar as modulações e individuações dos objetos e da realidade.”(2014, p.24)

“Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo mais distante. Distribuímos hábeis pseudônimos para dissimular. Por que preservamos nossos nomes? Por hábito, exclusivamente por hábito. Para passarmos despercebidos. Para tornar imperceptível, não a nós mesmos, mas o que nos faz agir, experimentar ou pensar. E, finalmente porque é agradável falar como todo mundo e dizer o sol nasce, quando todo mundo sabe que essa é apenas uma maneira de falar. Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados.” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 10)

Neste bloco trago a escrita de si, em que *Ellas* contam para a pesquisadora quem são e sua relação com a escrita, e de que modo se deu a ação de escrever. O roteiro dessa escrita, em anexo, contém algumas perguntas para nortear o processo. Apresento a vocês a *moça das folhas soltas*,

“não sei que tipo de mulher eu sou, na verdade, não sei se quero saber. Sinto-me cheia de travas, sem medo de quebra-las, já faz algum tempo. Uma das poucas certezas que tenho é a de que amo quem eu amo. Acho que devo ser a média de quem me rodeia, como diz aquele senso comum dos textos do facebook: do meu amor, levo a vontade de viver. Da mãe, a preocupação com as pessoas e a falsa impressão de ter controle de tudo, do pai, a consciência, a mora. Da amiga querida, a história de força e luta.

Caminhei até aqui com medo, já senti fome e desespero, carrego em mim a esperança(?) de uma família que diante da sociedade, estaria fadada ao comodismo e a pobreza. Caminhei também por inseguranças de beleza, sensação de impotência e de que o mundo nunca teria um lugar pra mim. Caminhei sempre bamba, com pouca certeza. Principalmente, sabendo que o que quer que eu queira, ter ou fazer, teria que ser com suor e dedicação árdua.

O encontro com essas meninas foi uma descoberta de mim. Vejo a mulher do caderno costurado e a pesquisadora com a tranquilidade de se abrir, de serem imperfeitas e pessoas abertas, reflexivas, antes de serem mulheres. Alguma coisa realmente vem antes da outra? Sinto-me melhor agora, sem me cobrar tanto em escrever o que querem ouvir. Tudo aqui foi muito sincero. O grupo me ajudou muito.

A ação de escrever é uma ação contra-corrente. Preciso sair do meu comodismo, na minha rotina de trabalho e lazer pra poder escrever. Nunca é cansativo. A vida cansa, escrever nunca cansa. Escrever me deixa mais forte, mais tranquila de que isso tudo será lembrado, e de que minha potência é maior do que aparento.

Como eu descreveria ler e escrever: autoconhecimento, resistência e principalmente: entrega.

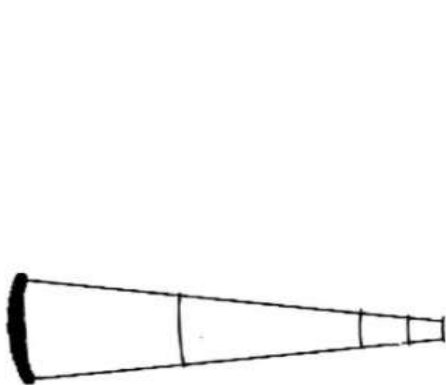
Acho que a diferença entre escrever e ser mulher é a de que percebo mais as nuances e me permito sentir. Desde pequena, me foi permitido e incentivado falar, ser sensível e ter calma. Essa canalização de sentir e escrever, é mais confortável em mulheres, a sociedade nos permite mais.

O fato de o meu pai me incentivar a ler e escrever desde criancinha me ajudou, a vida inteira, a ler e a escrever. Principalmente, por necessidade, porque ele dizia que os livros nos mudariam a vida. Depois, por prazer. Até hoje me pergunto: “até que ponto é hábito, até que ponto é paixão?” ainda não sei a resposta.

Lembro que meu pai procurava nos lixos da rua revistas e livros velhos, para que eu e meus irmãos lêssemos mais. Na época até um jornal era fora do nosso alcance, faltava grana. E assim, eu cresci lendo de tudo, e continuo lendo.

O pseudônimo que eu gostaria de ter: espero até o último minuto, quando for entregar pra ti essas folhas, descobrir.

Alecrim



Emocional

O percurso com a escrita

Data

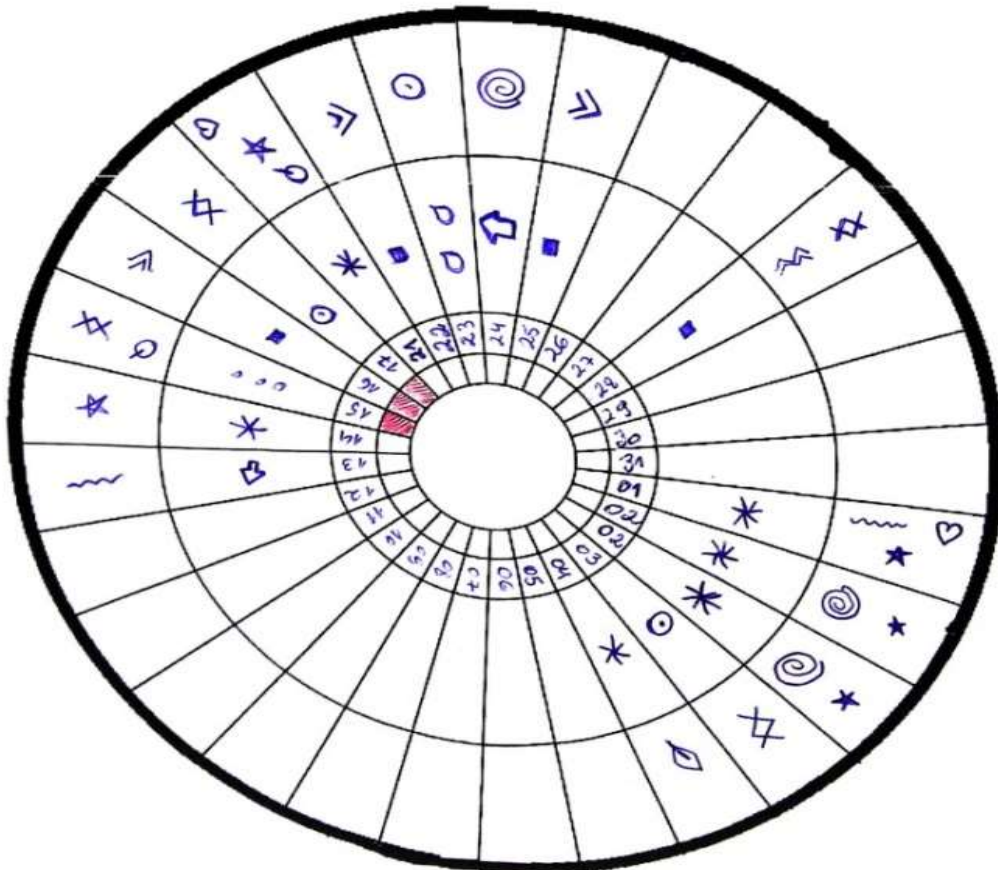
Emocional

- autoconfiança
- Tristeza
- Ganxoço
- Confusão
- Inspiração
- Criatividade
- alegre
- tranquilidade
- conflito interno
- Fúria/ Raiva
- Amor próprio
- Nostalgia

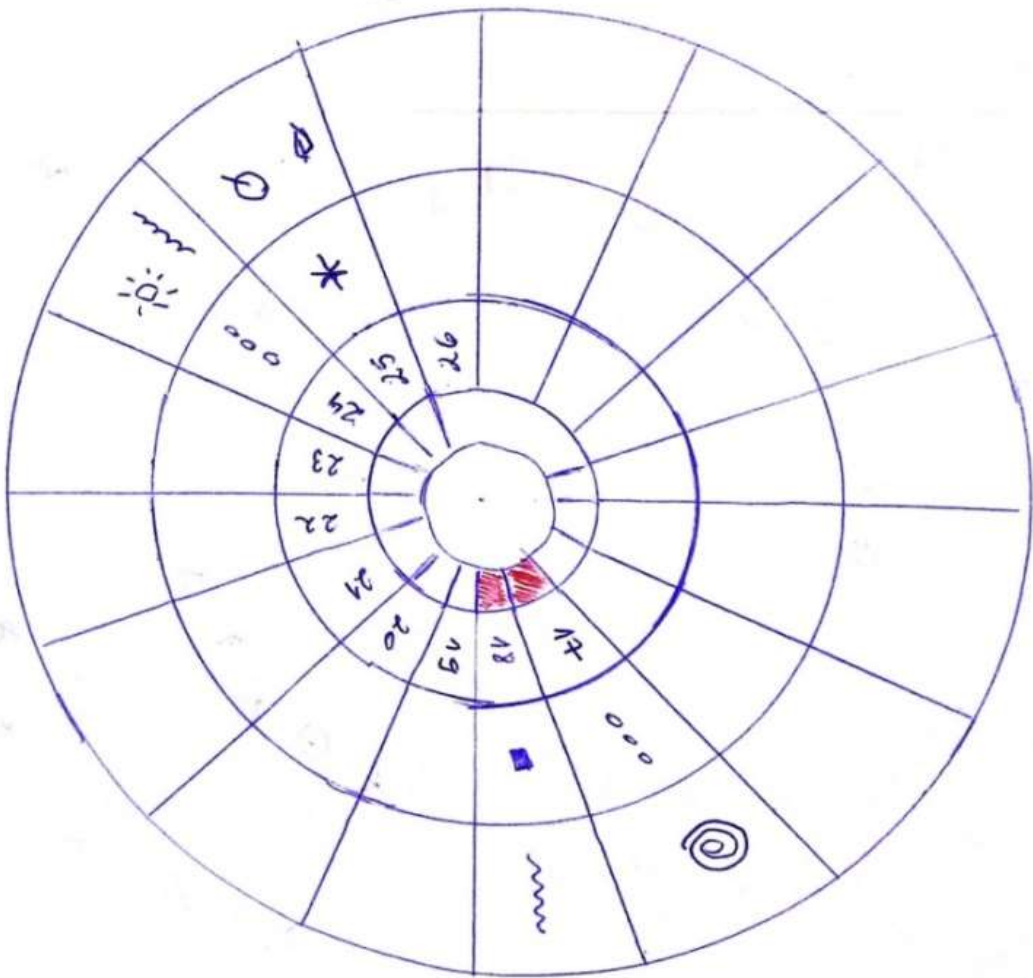
Percorso com a escrita

- Escrever
- Rejeição da escrita
- Carinho pela própria escrita
- leitura
- Não consegue escrever
- Compartilhar a escrita

Menos frequência



(Mês de Outubro/Novembro)



(O verso da Mandala do mês de Outubro/Novembro)

A mulher do caderno costurado teve dificuldade em concluir a proposta da Escrita de si. O que se torna tão difícil escrever sobre si? De compartilhar essa escrita? É uma escrita muito pessoal?. No decorrer da escrita desta pesquisa, vou contando de modo sutil um pouco sobre cada uma, das percepções que obtive nos encontros. Trago aqui um a escrita da *mulher do caderno costurado*;

Eu fazia essas mesmas dinâmicas no Capitu. Capitu que começava com a mesma letra da cidade onde eu morava, em Curitiba. Capitu, meu primeiro emprego, Capitu que por linhas bem tortas, acabou escancarando as portas do Salu's para o Bem Ditas naquele dia de abril de 2018, de sala cheia. Naquele abril em que eu estava perdida, nervosa, insegura. Quando falei que tinha voltado a morar na cidade de onde nunca me despedi inteiramente. Estava aqui, na cidade onde não nasci, mas onde meu pai fez questão de adulterar minha certidão para ser gaúcha (sem sucesso, continuo sendo paranaense, ainda que trema os erres com a língua e que ache graça de quem fala leitE quentE). Sim, eu trabalhava com autoras – duvidando até mesmo do que eu dizia. Uma desconexão peculiar.

As palavras que em mim remanesceram, porém, eram que aqui eu procurava a autora que me constituía e que buscava também solucionar minhas próprias questões. Queria cortar os laços das minhas histórias passadas, já capengando de tão empoeiradas e assombradas. Mas antes que eu continue, preciso fazer um comentário. As palavras para mim têm um peso grande, quase exagerado. São tão intensas que quando estou escrevendo seriamente, às vezes elas acabam ficando um pouco pesadas ou dramáticas demais. Mas vamos lá.

“E por que não fazer uma dessas aulas por aqui? ”, me disse a loira de cabelos cacheados, as pernas cruzadas de um jeito bem despojado. A partir de então um mal-estar tomou conta de mim. Um misto de medo, de ansiedade, de receio pelo novo, de temor pelo desafio. E se eu não desse conta desse novo desafio? Ou ficasse obcecada demais? Tinha medo de me cobrar e de me perder nos meus próprios objetivos, bem anteriores ao Bem Ditas, objetivos esses que me trouxeram de volta – os quais me fizeram encaixotar as coisas em menos de três dias e sair quase fugida de Curitiba.

Bolei então uma ideia que atasse os nós dos meus projetos com os da Monalisa. Eu iria ler o livro e bolar um exercício com algum ponto abordado na obra. Inicialmente, eu pensei em entregar uma tarefa para a casa. Monalisa sugeriu que as coisas fossem feitas lá, na hora. Ela estava mais do que certa. Como sempre. As dinâmicas caminham muito bem no momento do encontro em si, de maneira que não penso que seria melhor pedir para que levassem os textos para fazer em casa. Depois de oito meses de encontros com escrita, concluo que existe uma certa aura, atmosfera produtiva que poderia se desenvolver apenas por meio da produção no momento dos encontros. A produção só acontece, pois existe um movimento pendular de proposição, provocação, produção e compartilhamento da escrita.

Digo isso pois eu mesma produzo textos enquanto estou no Bem Ditas. É um misto curioso, pois, de certa forma, eu testo em mim a qualidade das dinâmicas que proponho. Testo as que são mais difíceis, comparo com as dificuldades dos outros. Em muitas ocasiões, pelas outras obrigações do dia a dia, a única possibilidade de escrever literatura e me experimentar é lá no Bem Ditas mesmo. Fico um pouco triste com essa conclusão. Sempre acho que deveria escrever mais e mais, pois, afinal, sempre achei que criar literatura (diferente de escrever em um diário, por exemplo – algo muito mais visceral e sem apelo estético) é um modo de meditar, é prazeroso, acalma. É um momento de profunda concentração, de desafio na medida certa. Mas sou inquieta e muitas vezes resisto. A entrega atrasada desse texto, por exemplo, diz muito a esse respeito. A rotina me engole e engole minhas palavras. Faz moeda de câmbio injusto com uma ação automática e frenética, como uma

mosquinha em volta da luz. Uma busca tonta e burra por algo que só encontro efetivamente quando paro e escrevo.

Quando não mantenho a rotina de escrita criativa permaneço sem paz e irrequieta. Dá a impressão que fujo de mim. Fujo do momento em que saio para tomar um café comigo mesma. Uma pena. Apesar dos meus rompantes de fúria e de melancolia intensas vindas diretamente de uma nave louca de um gênio ruim pra cacete, penso que também sou uma companhia divertida, solar e curiosa. Para os outros, mas principalmente para mim mesma. Escrever é fazer companhia para mim mesma.

A mulher que eu sou é filha de Iansã, sagitariana muito inconformada e errante, buscadora. Penso que não seja muito difícil de pescar isso logo de cara para quem me conhece um pouquinho. Há gente que goste, há gente que não suporte. Pois buscar sem parar nem sempre é muito tranquilizante na visão dos outros. Lembra inconstância e agonia. Lembra antissistema e narrativa não-linear. E nada disso deixa de ser verdade. Mas também tem tudo a ver com alegria e tesão pela vida, por querer sentir os sabores do mundo. Mudar para mim faz parte da minha essência. E faz parte da pulsão que me leva a escrever. Prova disso é que acho a realidade infinitamente mais interessante do que a ficção. Porque eu me lambuzo de vida. Ainda que ela seja tihosa, animal indomável.

Lembro quando fazia mestrado em Escrita Criativa. Meus colegas sempre disseram que suas vidas não tinham graça nenhuma, e por isso precisavam inventar outras realidades. A maioria era homem da pior estirpe, diga-se. Eram da estirpe dos escritores machos que querem explicar o mundo. Como se isso não tivesse sido feito desde sempre. São de fato muitos privilégios e uma cegueira imensa por reavaliá-los. Ser mulher, nesse sentido, é já lutar numa batalha por narrar, por ter voz, por ser, por existir.

Mas também tive os meus privilégios. Quando decidi abraçar o Bem Ditas, eu queria proporcionar àqueles da minha cidade, os privilégios que obtive durante minha busca. Encontrei gente muito capacitada, que me treinou para escrever melhor, para contar histórias, para misturar tonalidades diversas e resultar em uma cor diferente para os dias. Eu queria que as pessoas encontrassem sua cor própria vinda do que lhes é mais íntimo. Em Santa Maria, tive raramente essas oportunidades, o que acho que atrasou muito o meu processo de desenvolvimento autoral. Fico pensando como teria sido se eu tivesse ido a minha oficina há uns dez anos atrás. Se eu respondesse para mim mesma as questões que hoje respondo para os outros. Todos os meses ouço uma série de “Eu não consigo”, “Para mim é muito difícil”, “Acho que não vou fazer o exercício”. E assim mesmo estão lá se propondo a voltar a ser criança-adulta de novo.

Minha história com a escrita começa desde muito cedo. Sempre fui uma criança muito sonhadora, muito divagante e muito sozinha. Tenho um irmão 13 anos mais velho do que eu, que quase nunca morou comigo. Fora isso, minha infância foi sempre muito recolhida, com pais muito ensimesmados. Ler os textos que eles tinham que ler, desse modo, sempre foi muito mais urgente do que brincar comigo. Adulto é foda. E sem graça. Brincar é sempre um jeito de entrar em contato com a potência mais primitiva de criação. É um investimento na criança, mas também em si mesmo.

A solidão fez com que eu lesse muito e escrevesse também. Lia tudo que era adequado a minha idade. Li todos os Érico Veríssimos para crianças, Ziraldo, Ana Maria Machado, Pedro Bandeira, uma coleção de biografias de pintores famosos e tantos outros títulos a perder de vista. Amava ler e imaginar histórias. Na minha pré-adolescência, porém, com 12 anos, aconteceu algo de muito grave que me calou e tornou minha vida muito mais difícil para sempre. Minha mãe foi demitida no mesmo ano em que minha babá se suicidou na minha casa. A vida é absurda mesmo.

Desde então, passei a ter todo tipo de dificuldade escolar, de concentração e de narração. Tinha perdido quem de fato me cuidava e ficado com uma mãe muito difícil e agressiva. Minha mãe costumava ser extremamente invasiva, adotou uma educação rígida, intempestiva e aloucada, quase como quando a Guadalupe Nettel foi morar com a avó. A relação, a partir de então, sempre foi um misto de amor e de ódio difícil de encaixar em qualquer coisa que já acompanhei de pessoas próximas. A maternidade e o feminino começaram a ser uma equação desigual. Minha família era um matriarcado despótico e invertido onde os homens são bons, submissos e maternais e as mulheres são intratáveis, frias e masculinas.

Só voltei a escrever com mais frequência um tempo depois de entrar na faculdade. Eu tinha 19 quando quando encontrei meu futuro orientador, que tornou tudo isso possível. No entanto, esse abismo entre os 12 e os 19 acabaram cobrando sua conta na hora em que comecei a elaborar os textos. A maioria das composições, apesar de não terem nenhum erro gramatical, eram sem estilo, ingênuos e bobinhos. Amadores. Foi apenas quando fui fazer meu trabalho de conclusão de curso, o mesmo que a Dara agora prepara, em que comecei a amadurecer verdadeiramente minha escrita. O processo só se intensificou no mestrado em Escrita Criativa. Mas não foi nada fácil. Os colegas todos já eram escritores profissionais, sem nenhum pudor em contar e expor suas histórias. Pudores eu os tinha todos. A ponto de conceber uma dissertação em 2016 apenas sobre a dificuldade de escrita.

Incluo aqui alguns de seus parágrafos, pois acho que convém para eu poder ilustrar toda a coincidência que representou esse encontro com a Dara.

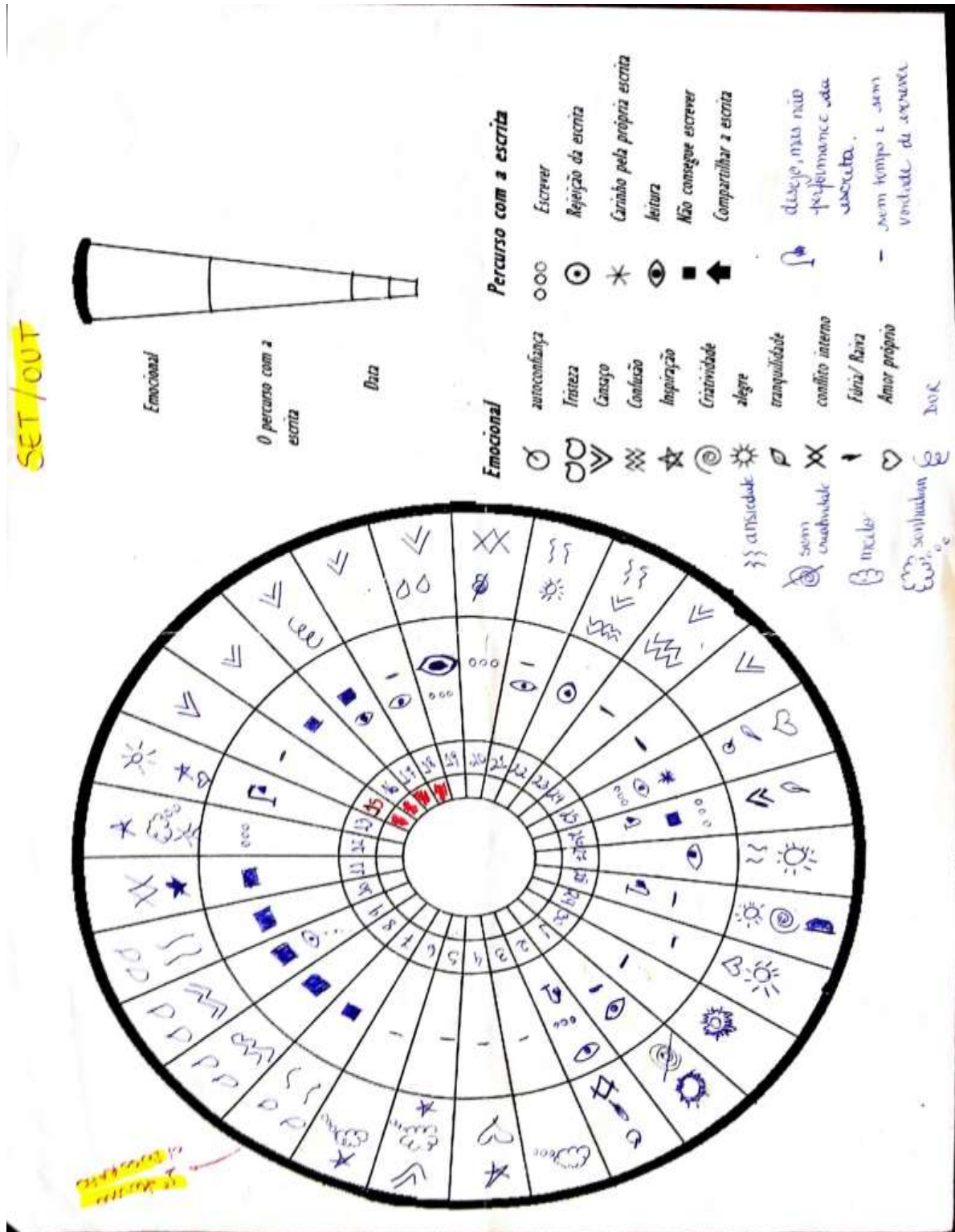
“Às vezes esbravejo pela inquietação, pela inconstância, pela metodologia fragmentada. A escrita deve ser íntima porque atualmente é isso que tenho para dar. É a busca pelo —eu que passa diante dos meus olhos agora. E, diante da escrita e das narrativas autobiográficas, acredito na possibilidade de me descortinar.”

“Agora, silêncio. Apenas o deslizar na noite vazia de um ou outro carro passando aqui por perto do prédio. Na madrugada clandestina, aos poucos e deficiente, uma letra após a outra, mesmo que mancante. Meus monólogos inacabáveis comigo mesma sobre as questões sem resposta, ao colocar no papel, saem tão precárias. Sinto-me aprendendo a caminhar. Gosto dos pontos, apesar de acreditar que contar a vida é mais um contínuo, sem início, sem final, sem estrutura. Representa cada passo. Uma ideia de cada vez. Uma ideia de cada vez. Uma. Ideia. de. cada. vez. Horizontais e justapostas. Sinto, aos poucos, como os muitos anos de bloqueio estão esmaecendo. Importa menos hoje se parece certo ou errado, se parece feio ou bonito, maduro ou incipiente, importa se é verdade. Importa que preciso da palavra para ser.”

Notam-se nesses parágrafos uma agonia premente, um desprazer, um desamparo. E uma certa visão romântica. Nunca consegui reler minha dissertação inteira depois que a terminei. Considero-a íntima demais, exposta demais para conseguir tolerar.

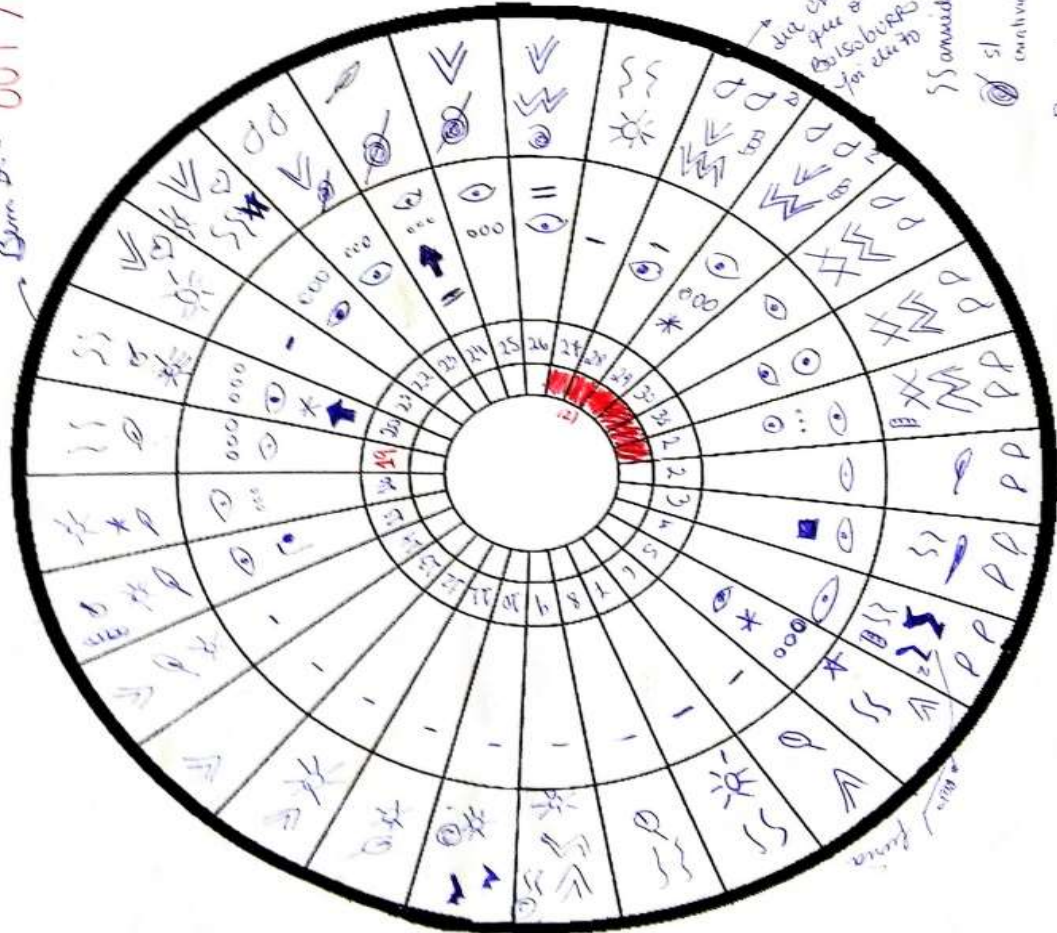
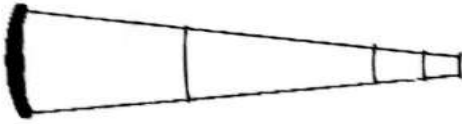
Hoje, reescrevendo um pouco essa trajetória, depois da experiência ainda em curso no Bem Ditas, noto que esta foi a oportunidade de andar em direção ao complicado rumo de desatar os nós e as dificuldades que menciono nos parágrafos anteriores. A cada vez que escrevo e reescrevo minha história, crio cada vez mais um corpo. E coragem. As coisas passam a ter nome. E depois de dar os devidos nomes, fica mais fácil entender do que se fala. Em tempo, aliás, eu me chamo Emília Dimenstein.

Apresento as Mandalas da Escrita da *mulher do caderno costurado* do período de setembro a novembro.



(Mês de Setembro/Octubro)

Bem-vindos OUT/NOV



- | | | | | | | | | | | | |
|-------------------------------|---------------|---------------------|------------------------------|----------|-----------------------|------------------------|--------|---------------|------------------|-------------|--------------|
| Emocional | autoconfiança | tristeza | canção | confusão | inspiração | criatividade | alegre | tranquilidade | conflito interno | final/raiva | amor próprio |
| | ☺ | ☹ | 🎵 | 🌀 | 🌟 | 🌀 | ☀️ | 🍃 | ⚔️ | 🔪 | ❤️ |
| Percorso com a escrita | Escrever | Rejeição da escrita | Carinho pela própria escrita | leitura | Não consegue escrever | Compartilhar a escrita | | | | | |
| | ○○○ | ⊙ | * | 👁️ | ■ | ➡️ | | | | | |
- ↳ desejo, mas não performance do escrita
 ↳ sem tempo e sem vontade de escrever
 ↳ edição do texto

(Mês de Outubro/Novembro)

Podemos observar as fluências das *Ellas* com as Mandalas, onde a *moça das folhas soltas* não completou toda ela, deixando espaços em brancos. Isso se deve a uma rotina exaustiva ou a um modo de se relacionar com este dispositivo? Diferente da *mulher do caderno costurado* que se envolveu com mais intensidade, completando toda a Mandala. Esta expressão da relação com a escrita dos cadernos, das mandalas, da apresentação de si, com cada uma, com seus mundos particulares e trajetos parece narrar os emaranhados singulares que compõem o escrever.

A mandala da Escrita por si só não daria conta dos fluxos e alternâncias de estados que é o cotidiano de *Ellas*. A Mandala capta sucintamente os acontecimentos, sendo um plano superficial. No processo cartográfico fomos observando neste dispositivo suas potências mas também suas fragilidades e durezas. Será que usaria de novo?

Os diferentes nomes que *Ellas* obtiveram no decorrer do trabalho, fala do processo delas e meu com a pesquisa. Fomos muitas a cada palavra escrita, dita, cafés compartilhados, narrativas do dia a dia, gestos, caminhadas, traçamos juntas um percurso que neste momento se recorta. O processo segue, o trabalho de pesquisa faz sua pausa aqui. .

A dobra, em meio ao mar de palavras.

Em meio a tantas palavras, pelos trajetos que caminhamos até aqui, convido vocês a refletir sobre o poder da vida. Por que esse conceito se faz necessário neste pedaço do trabalho? Vou trazendo alguns conceitos para fazer refletir todo o percurso que se deu até agora com o Bem Ditas e com *Ellas*. “o capital hoje precisa não mais, como há décadas atrás, de músculos e de disciplina. Ele precisa de inventividade, de imaginação, de criatividade. Ele precisa do que se poderia chamar da força-invenção das pessoas” (PERBALT, 2007, p.58)

O Pelbart, apresenta o conceito de Biopoder²³, “Este poder sobre a vida, vamos chamar assim, biopoder, não visa mais, como era o caso das modalidades anteriores de poder, barrar a vida, mas visa encarregar-se da vida, visa mesmo intensificar a vida, otimizá-la. Daí

²³ “O biopoder contemporâneo, conclui Giorgio Agamben, reduz a vida à sobrevida, reduz vida à sobrevida biológica, produz sobreviventes.” (PERBALT, 2007, p.58)

“O biopoder contemporâneo teria essa incumbência, de produzir um espaço de sobrevida biológica, reduzir o homem a essa dimensão residual, não humana, vida vegetativa, que o mulçumano por um lado, no caso dos campos de concentração nazistas, ou os neo-mortos das salas de terapia intensiva, quando se quer prolongar a qualquer custo a vida, mesmo que seja uma vida absolutamente impotente, encarnam.” (PERBALT, 2007, p.58)

também nossa extrema dificuldade em resistir.”(2007, p.58). O poder nunca esteve tão enraizado na nossa subjetividade, tendo nosso próprio desejo capturado, e nos colocando em estado de vigia, controlando uns aos outros. Qual é o poder dessa vida? Onde conseguimos espaços para respirar? Como lidar com a captura de nossos desejos?

“Esta força-invenção de que o capitalismo se apropria e que ele faz render em seu benefício próprio, essa força-invenção não emana do capital. E no limite pode até prescindir dele. É o que se vai constatando aqui e ali. A verdadeira fonte de riqueza hoje é a inteligência das pessoas, é a sua criatividade, é a sua afetividade. E tudo isso pertence, como é óbvio, a todos e a cada um. Essa potência de vida disseminada por toda parte nos obriga a repensar os próprios termos da resistência hoje.”(PERBALT, 2007, p.58)

Repensar a resistência se faz necessário nos dias atuais, ainda mais quando falamos de um corpo de mulher seja trans ou cis, cada uma terá seus enfrentamentos, conforme o lugar que ocupa . “Quando a vida é reduzida a isso, aparece a perversão de um poder que não elimina o corpo. Mas o mantém numa zona intermediária entre a vida e a morte. Entre humano e o inumano.” (PERBALT, 2007 p.59) Que resistência possível se faz necessária? Mas esse corpo-mulher, quando corpo-mulher-escritora diz também de um território de invisibilidade no decorrer da história linear do mundo.

O Bem Ditas, um coletivo, que propõe a ler obras escritas por mulheres, constrói um território que produz resistência a cada encontro, na relação entre os participantes, e pela leitura e discussão dos livros. Por ser um espaço que se repensa a existência as palavras. Se produz no coletivo em movimento, que vai encontrando formas de resistir, devires de resistência-existir.

Peter Pelbart traz uma quase inexistência de subjetividade “Desde algumas décadas, o foco do sujeito se deslocou da intimidade psíquica para o próprio corpo. Hoje, o eu é o corpo. A subjetividade foi reduzida ao corpo. A sua aparência, a sua imagem, a sua performance, a sua saúde, a sua longevidade”(2007, p.62). Que corpo é esse? Quem somos, nessa captura da nossa existência? Com *Ellas*, o uso do diário de bordo e a Mandala da escrita no decorrer desses quatro (04) meses, possibilitou uma reflexão sobre o si, resgate de percurso durante a vida, os acontecimentos da vida cotidiana e sobre os afetamentos que vão lhes construindo. Produzindo um movimento sutil e contra ao que já se está estabelecido, ou se tenta estagnar,

“Diante disso, seria preciso retomar o corpo naquilo que lhe é mais próprio, na sua dor, no encontro com a exterioridade, na sua condição de corpo afetado pelas forças do mundo e capaz de ser afetado por elas. Seria preciso retomar o corpo na sua afectibilidade, no seu poder de ser afetado e de afetar.”(PERBALT, 2007, p. 62)

Parece que escrever se tornou, resistir e existir.

7. Ser pesquisadora

- ser cartógrafa.

Neste bloco, irei contar sobre o processo que foi a construção desse trabalho até aqui, pois não podemos dizer que ele se encerrou, pois ainda ele reverbera em mim, a cada vez que leio, ou aciono as lembranças que o trabalho produziu, o mesmo continua em constante processo de criação. Por ser algo que ainda sinto quase como visceral, precisar em alguns momentos escrever no passado se tornou um exercício difícil, como escrevo sobre o ontem, se ele ainda continua tão vivo em mim?

No percurso com a escrita, compor poemas e poesias, foi um modo que encontrei para externalizar o que estava reverberando em mim, que se faz presente no plano de construção da escrita deste trabalho. Em um primeiro momento, era um desejo pesquisar a linguagem poética, os poemas e poesias, no entanto conforme o caminhar, não é mais latente esse desejo, e vamos abrindo-nos para a possibilidade de compreender a escrita, na relação com a vida cotidiana.

Em meio a tantas escritas, sendo a minha, e a de outras pessoas, em especial das mulheres que me acompanharam no processo. Ter o corpo de escritora mulher e o desejo de escrever se configura de outra maneira, se encontra barreiras cotidianas que nos fazem questionar sobre essa ação. No decorrer da história lidamos com sociedade patriarcal e machista, um jogo de forças que tende a invisibilidade. Se propor a escrever, se torna uma ação de resistência, e por muitas vezes, revolucionária.

Conforme foram os encontros fui me fazendo, com os diversos “eus” que me habitam, que se agenciavam aos “eus” que estão em jogo. Foram trocas constantes, para além dos aprendizados, de haver conexões impessoais, dos devires emergirem.

O Bem Ditas, neste coletivo que se propõe a ler obras escritas por mulheres, encontro um espaço de potência, em que pude acreditar no meu potencial, enquanto escritora, enquanto mulher. Por vezes, foi um espaço de acalanto para as inseguranças instauradas. Nos encontros, conseguir se ver no outro, com os compartilhamentos dos medos no processo da ação de escrever e poder se sentir acolhido. É... ali acontece o acolhimento, das diferentes formas de existir, é permitido pensar, escrever pelo seu modo de ser.

Nesse espaço tive a oportunidade de conhecer duas mulheres incríveis, onde pudemos traçar o início de uma caminhada. Que foi de intensidade, e de muita sinceridade. Poder compartilhar o meu desejo com essa pesquisa com elas. Que no primeiro momento me causava insegurança, e medo do que estava por vir. De não ter certeza do que estava por ser construído. E mesmo assim, encontrei nelas o aceite em participar e confiar na pesquisa. Entre escritas, nos diários contaram momentos íntimos e intensos. No início não imaginava que os diários de bordo poderiam proporcionar essa intensidade na relação. Pude conhecer ainda mais elas, pelos relatos dos seus cotidianos. Por ser algo prazeroso para mim conhecer pessoas, ler os diários, e conhecer *Ellas* em seu íntimo, a experiência fez com me sentisse feliz em pesquisar, desejar os encontros, e as leituras de suas escritas.

A cada encontro nos conectávamos, podíamos ser diversas mulheres, e experimentar devires. O desejo da escrita também falava de outro lugar, como é o acolhimento de uma escrita de autoria feminina, pelos homens, pela sociedade patriarcal e machista. Em que ali, se sabia que os pensamentos, escritas, falas, seriam acolhidas, que não se haveria um desmerecimento, ou desqualificação por ter vindo de uma mulher. Penso com o que me aconteceu.

Se entender como mulher escritora é um processo que, por vezes, pode ser árduo, constituído de pequenos passos, de aceitar seu modo próprio de escrita. De ir contra o fluxo da insegurança que é nos instaurado cotidianamente, fazendo-nos acreditar que não somos capazes de escrever, descreditando no nosso potencial. Nós mulheres,

Somos um sopro de força,
Somos uma ventania de energia,
Somos uma força irreduzível
Somos uma condução, indestrutível
Somos juntas, aquilo que o patriarcado jamais destruirá!
Somos a energias que nos movimenta
somos nos por nos, mulheres.
(DIÁRIO DE BORDO 05/09/18)

Finalizo por aqui, esta escrita. No processo aprendi a me amar, encontrar outros “eus”, e me acolher em momentos em que estamos a procura incessante pela perfeição e aceitação do nosso ser, e do nosso escrever. Somos muitas no decorrer da vida, descobri que não somos algo sólido e imutável, somos matérias em transformação constante.

8. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALLIEZ, E. **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: Editora34, 2000.

BARROS, R. D. B.; PASSOS, E. A Cartografia como método de pesquisa-invenção. In: Eduardo Passoa; Virginia Kastruo; Liliana da Escóssia.(Org.). **Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. 207 p.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica** - tradução de Peter pal Pelbart. - São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. 2ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil platôs**. São Paulo: Editora34, 1995. V1.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil platôs**. São Paulo: Editora34, 1995. V2.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil platôs**. São Paulo: Editora34, 1996. V3.

DELEUZE, G. PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

FERRACINI, R.; LIMA, E. M. F. A.; CARVALHO, S. R.; LIBERMAN, F.; CARVALHO, Y. M. **Uma experiência de cartografia territorial do corpo em arte**. *Urdimento*, v.1, n.22, p219 – 232, julho 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101222014219>>.

Acesso em 09 Abr. 2018

HAESBAERT, R. **Território, Poesia e Identidade**. *Revista Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, nº 3, p. 21-31. Janeiro/1997. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6708/4786>>. Acesso em: 12 Mai. 2018.

INFORSATO, A. E. **Desobramento: constelações clínica e políticas do comum**. 2010. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Filosofia e Educação) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

MENDES, M. **Esquivas, Criação e Planos de Existência, Ressonâncias éticas, estéticas e clínicas na trajetória de Fernando Deligny**. 2017. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da arte) Universidade de São Paulo.

MIRANDA, J.C.; BIANCO, A.L. **Escrita poética e elaboração analítica: fazer com o impossível de ser dito**. *Revista Mal-estar E Subjetividade*, Fortaleza, nº 2, p. 327-341. Junho/2008. Disponível em: <

https://www.researchgate.net/publication/26618040_Escrita_poetica_e_elaboracao_analitica_fazer_com_o_impossivel_de_ser_dito>. Acesso em: 15 Mai. 2018.

PELBART, P. P, **Elementos para uma cartografia da grupalidade**. In F. Saadi; S. Garcia (Org.), *Próximo ato: questões da teatralidade contemporânea* (pp. 33-37). São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

PELBART, P. P, **Biopolítica**. *Revista da USP- Sala Preta*. São Paulo – SP, v.7, p. 57-66, 2007. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/salapreta/issue/view/4699>>. Acesso em: 07 dez. 2018.

PESSOA, F. *Livro do desassossego*. Porto Alegre: Pradense, 2014.

SIEGMANNI, C; FONSECA, T.M.G. **Caso-pensamento como estratégia na produção de conhecimento**. *Interface - Comunic, Saúde, Educ*, Botucatu – SP, v.11, nº 21, p.53-63, jan/abr 2007.

SOUZA E. L. A., PIRES R. **A poesia como nuvens de equívocos – a utopia de Paulo Leminski Terceira Margem**. Rio de Janeiro-RJ, n °26, p.126-136, janeiro-junho/2012. Disponível em: < <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10790>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

SOARES, J. **Arte como experimentação: fabulação e a potência do falso na criação de outros mundos**. *Revista Alegrar*, Campinas - SP, nº16, p. 1-4. Dez/2015. Disponível em: < <https://alegrar.com.br/artigos-16/>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

ZUCOLOTTO, M.P.R . **A escrita em Transversal: Tempo, errância e experimentações no escrever**. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia Social) Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

9. ANEXOS

9.1. Roteiro 01

Escrita de si

Conte-me que mulher você é?

Quais são os caminhos que já percorreu?

Como foi o encontro com a escrita ao longo de sua história de vida e atualmente com o grupo?

Como é a ação de escrever para você e como ela compõe sua vida cotidiana?

Como ler e escrever poderiam ser descritos na sua vida cotidiana?

Percebe alguma diferença no ato e na experiência de escrever por se considerar do gênero feminino? Se sim, qual?

Algo na sua história de vida como mulher modifica sua relação com o escrever? Pode contar o que?

Como sua participação no grupo aconteceu e, acredita que esta experiência grupal influencia no ato de escrever para você? Para os demais?

Assine esse documento com um pseudônimo, criado por você!

9.2 Roteiro 02

Composição do diário de bordo

Cada participante irá receber uma Mandala da escrita e folhas para composição do Diário de bordo. Para construção do diário os participantes terão que fazer registros de cada dia, referente à maneira que se sente, como se apresenta seu emocional e as produções de escrita no decorrer do mês. Esses registros terão que ocorrer também na Mandala da escrita, na qual possui uma legenda, especificando os símbolos e os locais que deverão ser preenchidos.

Questões que facilitaram esse processo de construção do diário e da Mandala:

- Como você sente hoje?

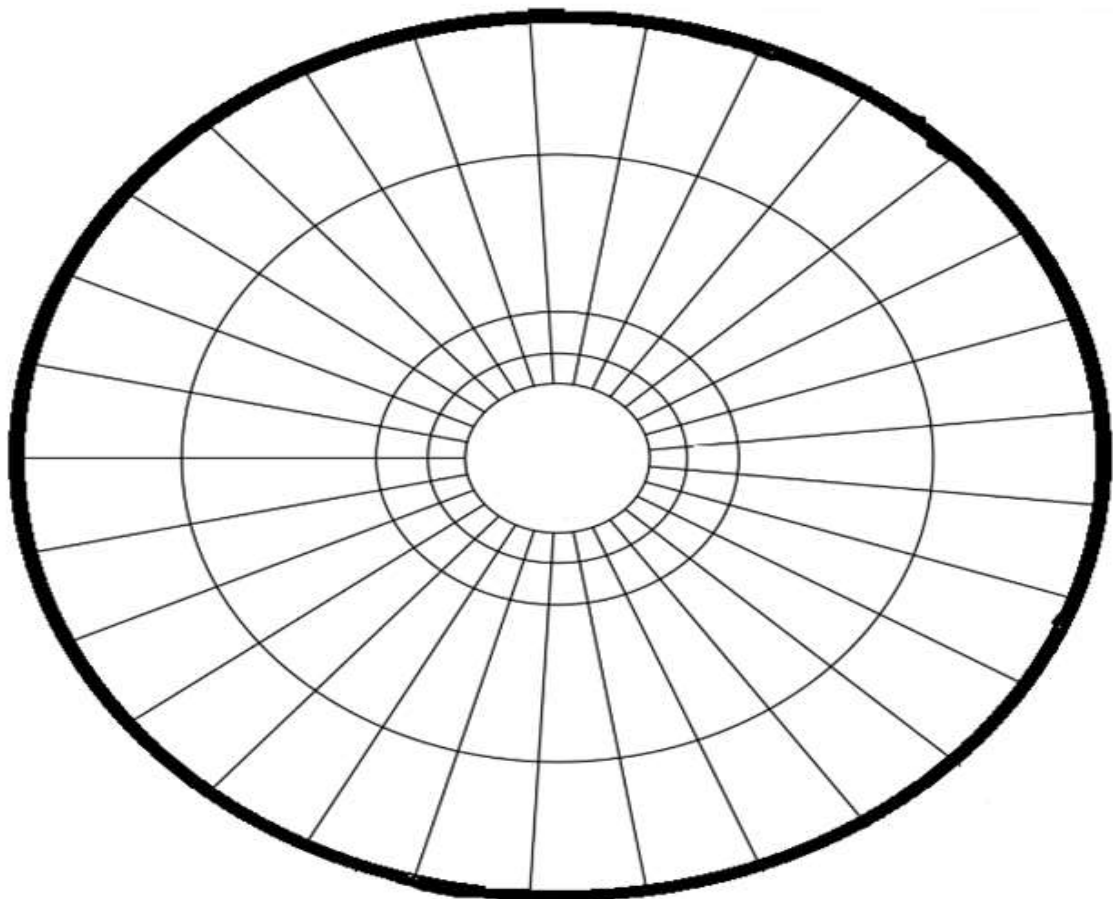
- Como foi o seu dia?

- Entro em contato com algo que produziu inspiração em você hoje?

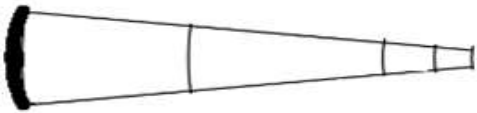
- Consegui escrever algo?

- Como se sentiu após escrever?
- Como foi a sua relação com a escrita no dia?

9.3. Mandala da escrita



Emocional



O percurso com a escrita

Data

Emocional

autoconfiança	○ ○
Tristeza	⊙
Cansaço	✱
Confusão	👁
Inspiração	■
Criatividade	➔
alegre	
tranquilidade	
conflito interno	
Fúria/ Raiva	
Amor próprio	

Percurso com a escrita

Escrever	○ ○
Rejeição da escrita	⊙
Carinho pela própria escrita	✱
leitura	👁
Não consegue escrever	■
Compartilhar a escrita	➔